



*Ministério Seara Ágape*  
*Estudo Bíblico Evangélico*

<https://www.searaagape.com.br/otabernaculodemoiseseusignificado.html>

**TEMAS BÍBLICOS PARA ESTUDO –  
O TABERNÁCULO DE MOISÉS E SEU SIGNIFICADO**

Autora: Pastora Tânia Cristina Giachetti – 2014

Antes de tudo, eu gostaria de deixar claro que este é um dos temas mais difíceis e mais controversos, até mesmo entre os teólogos, pois muitos materiais utilizados no Tabernáculo (como tecidos, tinturas, peles e pêlos de animais) têm um significado bastante incerto na língua hebraica. A quantidade exagerada de versões bíblicas que temos hoje em dia com a desculpa de purificação do texto, ao invés de esclarecer acabam trazendo mais dúvidas. Por isso, certas perguntas deixam de ter importância para nós como Cristãos. O que importa é **o significado espiritual do Tabernáculo** para nós hoje, ou seja, como podemos ser o verdadeiro santuário para o Espírito de Deus.

Vale a pena lembrar que o AT foi uma ‘sombra’ do NT (Cl 2: 16-17; Hb 10: 1), ou seja, um ‘rascunho’ (nós podemos dizer assim) da realidade espiritual vivida no NT. Como a visão daquela época era carnal e material, Deus precisava ensinar através de coisas físicas. O povo precisava de símbolos, de coisas palpáveis para crer no Senhor. Por isso, Jeremias, Isaías e Ezequiel encenavam suas profecias. Hoje, nós temos a compreensão das coisas invisíveis.



**Notas:**

A versão bíblica usada aqui é a ARA.

Neste texto, nós também vamos usar a ‘Concordância Lexicon Strong’. A Concordância de Strong é uma concordância da Bíblia King James (KJV), criada pelo

teólogo inglês Dr. James Strong (1822-1894), junto com uma equipe de teólogos, e publicada pela primeira vez em 1890. Trata-se uma referência cruzada entre cada palavra na KJV e no texto original em Hebraico ou Grego. A cada palavra no idioma original foi dado um número de entrada para a concordância bíblica da KJV. Léxico significa um dicionário de línguas clássicas antigas. Para interpretar corretamente a Concordância Lexicon Strong é preciso levar em conta o contexto cultural da época, pois os números de Strong não consideram figuras de linguagem, metáforas, expressões idiomáticas, frases comuns, referências culturais, referências a eventos históricos ou significados alternativos utilizados pelos escritores daquele período de tempo para expressar seus pensamentos em sua própria língua. (fonte: wikipedia.org).

Também será usado o texto hebraico concordante interlinear (CHES – Concordant Hebrew English Sublinear), baseado no vocabulário da Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT – Concordant Version of the Old Testament), o hebraico transliterado.

A medida de comprimento usada na época era o côvado, que corresponde à distância do cotovelo à ponta do dedo médio da mão de um homem, variando entre 44,4 a 45 cm, ou ainda, 51,8 cm (em Ezequiel 43: 13, pois soma um côvado mais quatro dedos), também chamado côvado sacro, côvado primitivo ou côvado mosaico. Neste texto sobre o Tabernáculo, usarei a medida de 50 cm para facilitar o entendimento. Um versículo que corrobora esta hipótese é 2 Cr 3: 3, que diz que o côvado primitivo foi usado por Salomão na construção do templo, portanto, antes de Ezequiel ter nascido e, conseqüentemente, uma medida que já era conhecida dos israelitas, provavelmente da época da construção do Tabernáculo de Moisés.

## **O Tabernáculo**

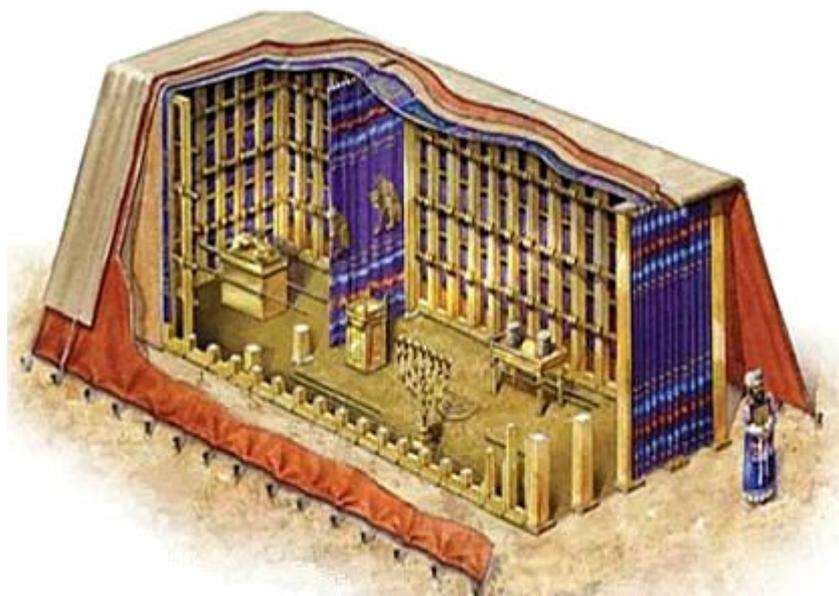
Em Êx 25: 8-9, o Senhor deu ordens a Moisés para construir o Tabernáculo. Tabernáculo (em Hebraico, *mishkan*, que significa ‘moradia’) ou ‘tenda da congregação’ era a tenda usada pelos israelitas como lugar de adoração enquanto viajavam pelo deserto. Na verdade, a tenda onde Moisés se encontrava inicialmente com o Senhor (‘a tenda da congregação’) foi armada fora do arraial (Êx 33: 7), pois o povo tinha pecado e o Senhor lhe disse que Ele não mais seguiria no meio deles. Então, Moisés armou a tenda fora do acampamento, e ali Deus falava com ele. Todo aquele que buscava ao Senhor saía à tenda da congregação, que estava fora do arraial (Êx 33: 7). Em Êx 29: 42-46, o Senhor disse a Moisés que seria no Tabernáculo (ou tenda da congregação) que Ele desceria para falar com ele e com Seu povo. O Tabernáculo era também chamado de ‘santuário’ (Êx 25: 8) e ‘tenda do Testemunho’ porque nele estava guardado o Testemunho (as tábuas da Lei): Êx 38: 21; Nm 1: 50; Nm 9: 15; Nm 17: 8. Mais tarde, o Tabernáculo passou a ser conhecido como ‘A Casa do Senhor’ (Dt 23: 18; Js 6: 24). Deus ordenou a Moisés que construísse o Tabernáculo para que o povo tivesse um lugar de referência para a adoração e passassem a sentir Sua segurança junto com eles por onde andassem (Êx 25: 8). A Tenda da Congregação era montada, carregada e cuidada pelos Levitas. No lugar mais interior ficava o recinto conhecido como o Santo dos Santos onde era colocada a arca e onde apenas o sumo sacerdote poderia entrar. Suas dimensões (o santuário propriamente dito, a tenda onde estava a arca da Aliança) eram basicamente cinco metros de largura, quinze de comprimento e cinco de altura (Ex 26: 15-30).

## **Materiais usados em sua construção**

O material que dava estrutura ao Tabernáculo era a madeira, mais exatamente, **madeira de Acácia**.

Em Êx 26: 16 a bíblia nos dá medida das tábuas. Levando-se em consideração o côvado de cinqüenta centímetros, cada tábua teria: dez côvados comprimento (que, na verdade é a altura, pois elas eram colocadas em pé, verticalmente – Êx 26: 15); então, cada tábua tinha cinco metros altura. De largura, elas eram de 1 ½ côvados, portanto, setenta e cinco centímetros.

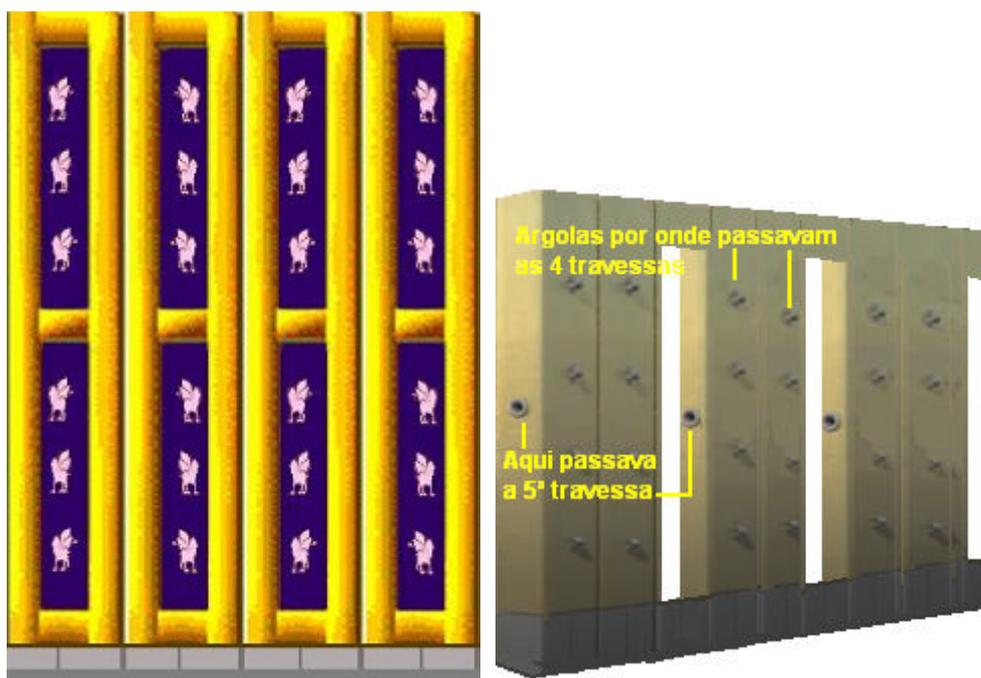
Em Êx 26: 18; 20; 22 (ou Êx 36: 20-34), a bíblia fala sobre o número de tábuas para o sul, para o norte e para o oeste ('o lado posterior do Tabernáculo'), pois o anterior, ou seja, a entrada era para o lado leste, para o lado do nascente do sol. Sendo vinte tábuas de cada lado (norte e sul), o comprimento do Tabernáculo seria de quinze metros; a altura seria a mesma das tábuas (cinco metros), e a largura (medida do oeste do Tabernáculo – seis tábuas mais duas para cada canto – Êx 26: 23; 25; oito tábuas ao todo no oeste do tabernáculo), de aproximadamente cinco metros. Assim: as paredes dos lados norte, sul e oeste do Tabernáculo eram feitos de tábuas de madeira de acácia, colocadas verticalmente sobre bases de prata (duas para cada madeira – Êx 26: 21. Cada base de prata tinha o peso de 1 talento, i.e., 35 kg – Êx 38: 27) e encaixadas entre si, e quatro travessas da mesma madeira, que passavam por argolas nas tábuas. A 5ª travessa (a do meio) passava por dentro das tábuas ao invés de pelas argolas (Êx 26: 28). As tábuas e as cinco travessas de cada lado e para o lado posterior (Êx 26: 26-29) eram cobertas de ouro, e as argolas eram de ouro (Êx 26: 29). O peso das bases de prata era suficiente para manter a firmeza da estrutura. A Nova Tradução de James Moffatt (Teólogo escocês – 1870–1944) traduz a frase “Dois encaixes, travados um com o outro” (Êx 26: 17 – ARA) como: “dois pinos presos à base”. A NVI escreve: “dois encaixes paralelos um ao outro”.



Entretanto, é interessante perceber que a palavra hebraica que para nós foi traduzida como tábuas é qerāshīm ('um cone oco' – CVOT; Strong #7175 – qeresh, no singular; de uma raiz primitiva que significa: dividir, ou uma laje ou prancha), o que significa que as tábuas não eram pranchas sólidas ao redor de todo o Tabernáculo, mas pilares colocados sobre as duas bases de prata para cada um deles e reunidos por barras transversais ('travessas', na nossa tradução) unindo toda a estrutura, e dispostos de uma

maneira equidistante (em Hebraico, shawlab') uns dos outros. Isso teria as seguintes vantagens sobre as pranchas sólidas: 1) eram muito mais leves e, portanto, menos sujeitas a empenamento; 2) em lugar de esconder as cortinas bordadas (a 1ª coberta de que falaremos logo em seguida), formavam um painel favorecendo as cortinas de serem vistas do lado de dentro. Por que esconder as cortinas bordadas atrás de madeira sólida? As travessas corriam pelos dois lados e pelo fundo da armação, passando por argolas de ouro presas às tábuas. A travessa do meio corria horizontalmente em toda a extensão do lado do arcabouço, mas as outras quatro travessas eram menores. Elas formavam uma única armação.

Poderíamos explicar o que foi dito acima de uma maneira esquemática para melhor compreensão:



Esquema da armação de madeira do Tabernáculo de Moisés, com duas bases de prata para cada tábua

Sobre essas tábuas eram colocadas **coberturas de linho e peles de animais:**

- **Dez cortinas de linho**, com estofos (NIV, fios) azuis, púrpura (NIV, roxo) e carmesim (NIV, vermelho) desenhadas com querubins (cf. Ez 41: 18-19 – ‘leãozinho’), e presas com colchetes de ouro (Êx 26: 1-6; Êx 36: 8-13). Em Êx 26: 2 a bíblia diz o tamanho das cortinas: vinte e oito côvados de comprimento e quatro de largura, ou seja, quatorze metros de comprimento e dois metros de largura. Elas eram em número de dez, cobrindo todo o Tabernáculo (Êx. 26: 6 – ‘e o tabernáculo passará a ser um todo’). Isso significa uma única estrutura. Em todo o comprimento, elas eram costuradas em 2 conjuntos de cinco cortinas. As laçadas e os colchetes de ouro prendiam um conjunto ao outro.

- **Onze cortinas de pêlos de cabras**, presas com colchetes de bronze (Êx 26: 7-11), também chamada de ‘a tenda sobre o tabernáculo’ (Êx 26: 7). Em Êx 26: 8 a bíblia nos dá o tamanho das cobertas de pêlos de cabras: cada uma tinha trinta côvados de comprimento e quatro côvados de largura, ou seja, quinze metros de comprimento e dois metros de largura. Assim como as cortinas faladas anteriormente, estas eram

costuradas ao longo do comprimento do Tabernáculo em dois conjuntos, um com cinco cortinas e um com seis, que se uniam na metade do comprimento da tenda.

- **Uma cobertura de peles de carneiros tintas de vermelho** (Êx 25: 5; Êx 26: 14; Êx 35: 7; Êx 35: 23; Êx 36: 19; Êx 39: 34). Quanto às medidas das cobertas de peles de carneiro curtidas, a bíblia não nos fornece estes dados.

- **Outra cobertura de peles finas** (Êx 25: 5; Êx 26: 14; Êx 35: 7; Êx 36: 19; Êx 39: 34). A bíblia fala também: ‘animais marinhos’ (Êx 35: 23). Quanto às medidas das cobertas de peles finas, a bíblia também não nos fornece estes dados.

Vamos começar falando sobre a madeira que foi empregada. A **madeira** simboliza algo que é tirado da terra, da matéria, de uma árvore, portanto, um material perecível, mortal, humano. No caso do Tabernáculo, ele foi construído com tábua de madeira de Acácia, muito encontrada no Sinai onde Deus falou com Moisés. Todo o mobiliário do Tabernáculo e do Templo de Salomão foi construído com madeira de acácia, como foi indicado a Moisés nas revelações divinas. A acácia é uma árvore de muitas espécies. Era a árvore que fornecia sua madeira aos povos hebreus, a sagrada e aromática madeira de Sitim. Sitim também se refere a um lugar de idolatria e imoralidade, defronte de Jericó, nas planícies de Moabe, a leste do Jordão. Há uma profecia em Jl 3: 18: “E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto, e os outeiros manarão leite, e todos os rios de Judá estarão cheios de águas; sairá uma fonte da Casa do Senhor e regará o vale de Sitim (‘Vale das Acácias’).” Isso quer dizer que após o arrependimento sincero, o povo que antes era depravado, receberá a água doadora de vida no Dia do Senhor.



*Acacia nilotica no deserto do Neguebe ao sul de Israel*

Inicialmente a acácia compreendia um grupo de espécies de plantas nativas da África (Egito), Austrália, Arábia e Palestina com a primeira espécie: *Acacia nilotica* descrita por Lineu. Mais tarde, outras espécies foram descobertas; então, a linhagem africana passou a se chamar *Vachellia*. *Vachellia nilotica* (amplamente conhecida como *Acacia nilotica* ou pelos nomes comuns da árvore, como: goma arábica, espinheiro egípcio ou acácia espinhosa) é uma espécie nativa da África, Oriente Médio e do subcontinente indiano. Além de utilizar a semente comestível e a goma da árvore, emprega-se a madeira para armas, combustível e instrumentos musicais. Ela é uma pequena árvore ou arbusto espinhoso da família das Fabaceas (Fabaceae), subfamília

Mimosoideae (mimosa), gênero Acacia; uma árvore do gênero de leguminosas tropicais e subtropicais, tendo folhas compostas ou reduzidas e com cachos de pequenas flores amarelas ou brancas. Dependendo do clima, as espécies podem ser amplamente utilizadas como plantas ornamentais.

A palavra ‘acácia’ (Shittah – Strong #7848) aparece 28 vezes no AT, na grande maioria delas, relacionada ao Tabernáculo: Êx 25: 5; 10; 13; 23; 28; Êx 26: 15; 26; 32; 37; Êx 27: 1; 6; Êx 30: 1; 5; Êx 35: 7; 24; Êx 36: 20; 31; 36; Êx 37: 1; 4; 10; 15; 25; 28; Êx 38: 1; 6; Dt 10: 3; Is 41: 19.

A palavra para sarça, em hebraico é Sneh (da mesma raiz do nome próprio ‘Sinai’), que significa, literalmente: ‘arbusto’, ‘espinheiro’. A planta encontrada no Sinai, onde Deus falou com Moisés é a Seneh, também conhecida como Shittah (no singular; ou Shittim, no plural, significando ‘acácias’) e se refere à Acacia nilotica (ou Vachellia nilotica).



A flor da Acacia nilotica

Então, podemos entender que nós, como santuário do Deus Vivo na terra, somos carne frágil, pecadora, este tabernáculo de material perecível como o pó da terra, mas revestidos pelo mais precioso de Deus que é o mesmo Espírito que estava em Jesus (o ouro que cobria a madeira). O **ouro** na bíblia, na maior parte das vezes, se refere às coisas que eram colocadas no Tabernáculo ou no templo, despojos preciosos de guerra ou tributos a serem pagos a um império. Portanto, nos dá a idéia de **algo extremamente precioso**, algo mais diretamente **separado para Deus** ou muito importante para uma nação, como um resgate, por exemplo. Pode simbolizar **a glória de Deus**.

A bíblia também fala que as tábuas de madeira eram colocadas verticalmente sobre bases de **prata**. Havia quarenta bases de prata para vinte tábuas no norte e no sul, assim como duas bases de prata para cada tábua no lado posterior da tenda. Este metal foi usado para os colchetes, as laçadas e as argolas que sustentavam as cortinas do pátio exterior do Tabernáculo e as bases para as madeiras de que falamos. A **prata** é o segundo dos metais nobres, depois do ouro. Não mancha numa atmosfera pura, e pode ser polida até refletir como um espelho. O processo de refinação pode significar **obediência** a Deus. Assim, **as madeiras sobre bases de prata** simbolizam a nossa vida natural, carnal (e também espiritual, é claro) **sustentada pela obediência ao Senhor**, o

que nos leva a ‘crucificar’ nossa carne (Crucificar é tomar a decisão de não satisfazer nossos desejos e gostos que induzam ao pecado), nosso pecado, e sermos cobertos pelo Seu sangue que nos santifica e nos purifica a cada dia da nossa jornada na terra. Em outras palavras, nos redime do pecado. Judas traiu Jesus por trinta moedas **de prata**, não foi? Por este preço (Zc 11: 12-13; Mt 27: 9-10), Jesus foi condenado à morte e com Seu sangue redimiu nossa vida. Portanto, além de simbolizar **obediência** a Deus, a prata também significa **redenção**. Trinta moedas de prata era o valor da vida de um escravo (Êx 21: 32).

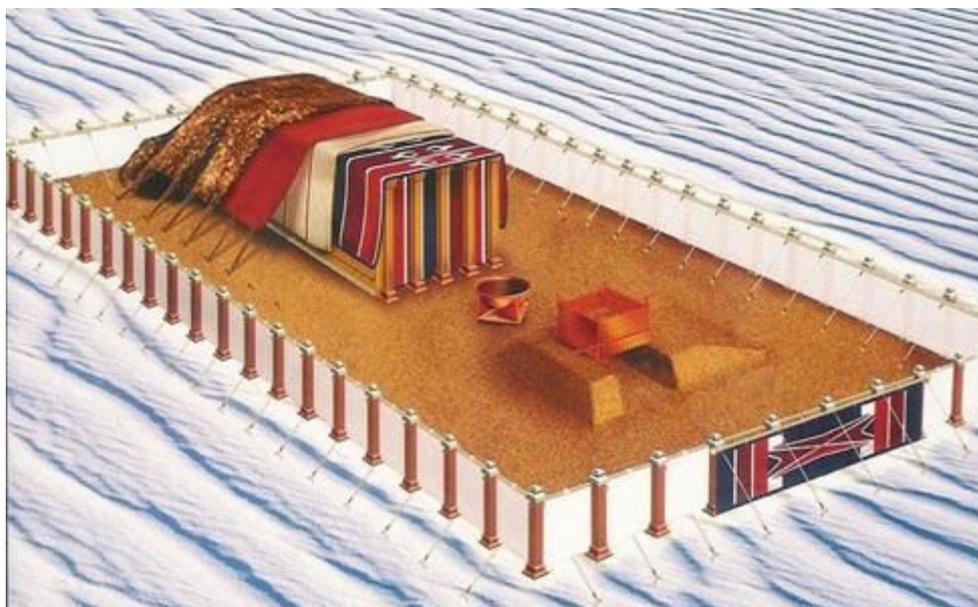
Depois de tudo isso, nós podemos notar que a **1ª coberta da tenda** era constituída de **dez cortinas de linho**, com estofos (NIV, fios) azuis, púrpura (NIV, roxo) e carmesim (NIV, vermelho) desenhadas com querubins (cf. Ez 41: 18-19 – ‘leãozinho’), e presas com colchetes de ouro (Êx 26: 1-6; Êx 36: 8-13). Em relação ao ouro, nós já comentamos que é a glória de Deus na presença do Seu Espírito, morando dentro de nós, mais especificamente do nosso espírito, uma vez que o ouro revestia a madeira (a carne). Nosso corpo é a morada do nosso espírito, não é?

Essas cortinas eram de linho fino, e a bíblia fala que o linho finíssimo, branco e puro, são os atos de justiça dos santos (Ap 19: 8). Portanto, pela ação do Espírito de Deus em nós há pureza, santidade e justiça em nosso ser. O linho era raramente fabricado na Palestina; era comumente importado do Egito. O uso das vestes de linho pelos sacerdotes foi dado como orientação de Deus para Moisés, e o povo as teceu com o linho (sua fibra) trazido do Egito. Samuel usava uma estola de linho (1 Sm 2: 18); Davi dançou diante da arca usando uma estola de linho (2 Sm 6: 14). Parece mesmo que o uso do linho estava associado com pessoas especiais, santas. O linho e o linho fino eram reputados como presentes preciosos a uma mulher amada por algum homem (Ez 16: 10; 13, quando Deus compara Jerusalém à sua noiva). Por isso, como dissemos acima, a bíblia diz que o Senhor separou para a Sua Igreja, para a Sua noiva, vestes de linho finíssimo, resplandecente e puro, porque **o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos** (Ap 19: 8); portanto, **santidade**, não se misturar com as ‘vestes do pecado’ do mundo.

Mas podemos notar também que nesse pano de linho havia fios de várias cores: púrpura (ou roxo), carmesim (escarlata, vermelho) e azul. Também tinha desenhos de querubins. A **cor púrpura** era muito usada nas vestes de reis e sacerdotes, portanto, fala de **realeza**. O **carmesim** ou **vermelho** (também chamado **escarlata**) se relaciona à cor do sangue, tanto dos animais que eram sacrificados quanto ao sangue de Jesus, o Cordeiro Santo e sem mácula que foi sacrificado por nós. Isso fala de **entrega, submissão, doação a Deus, rendição total e incondicional à Sua vontade**. A última cor é o **azul**, que está relacionado ao céu, à morada de Deus e, logicamente, à Sua **divindade** e ao **Espírito Santo**. Ezequiel teve a visão do trono de Deus como uma safira, cuja cor é azul (Ez 1: 26-28: “Por cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça, havia algo semelhante a um trono, como uma safira; sobre esta espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um homem. Vi-a como um metal brilhante, como fogo, ao redor dela, desde os lombos e daí para cima; e desde os seus lombos e daí para baixo, vi-a como fogo e um resplendor ao redor dela. Como o aspecto do arco que aparece na nuvem em dia de chuva, assim era o resplendor em redor. Esta era a aparência da glória do Senhor; vendo isto, caí com o rosto em terra e ouvi a voz de quem falava”). Outro comentário interessante sobre a **cor azul** como **correspondente ao trono de Deus** está em Êx 24: 9-10 quando Moisés, Arão, seus filhos e os anciãos subiram ao Sinai por ordem de Deus para confirmar Sua aliança com Seu povo. O texto diz: “E subiram Moisés, e Arão, e Nadabe, e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel. E

viram o Deus de Israel, sob cujos pés havia uma como pavimentação de pedra de safira, que se parecia com o céu na sua claridade”. Safira é azul.

Por fim, havia desenhos de **querubins** nas cortinas de linho. Os querubins, em hebraico (k<sup>e</sup>rühbîm, plural de ‘querube’ = celestial) são seres celestiais, e no livro de Gênesis está escrito que tinham a incumbência de guardar o caminho para a árvore da vida [*símbolo de Jesus*] no jardim do Éden (Gn 3: 24), assim como foram colocados sobre a arca da Aliança (Êx 25: 18-22; Hb 9: 5) para proteger os objetos sagrados guardados nela (1 Sm 4: 4; 2 Sm 6: 2; 2 Rs 19: 15; Sl 80: 1; Sl 99: 1). O nome ‘querubim’ indica **uma classe de anjos** com grande força de **conhecimento, sabedoria e iluminação divina** e que refletem a beleza do Criador. Por isso, se diz que são conhecedores dos mistérios divinos (“cheios de olhos”, como diz o profeta Ezequiel). Ezequiel descreve um querubim como ‘leãozinho’ (Ez 41: 18-19).



Dessa forma, podemos **resumir** assim: a **1ª cobertura** do Tabernáculo continha cortinas de linho com fios de cor púrpura (ou roxo), carmesim (escarlata, vermelho) e azul. Também tinha desenhos de querubins. Isso significa que, além da presença do Espírito Santo no nosso espírito (**‘ouro’**; ‘o tesouro em vasos de barro’ como diz o apóstolo Paulo: 2 Co 4: 7), nos trazendo a redenção, a santificação e a purificação através da obediência (bases de **prata**), nós recebemos do Senhor a bênção e a responsabilidade de manter Sua pureza, justiça e santidade (**linho fino**), sua realeza (**púrpura**), ou seja, a habilidade de exercer Sua autoridade na terra, assim como a capacidade da auto-doação, da entrega à vontade de Deus (**carmesim**) e a adoção de filhos, a marca da Sua divindade sobre nós (**cor azul**). Além disso, sabemos que somos protegidos por Seus **anjos**, podemos refletir a beleza e a glória do Senhor e conhecer Seus mistérios, quando recebemos e usamos corretamente Sua sabedoria.

Tudo isso só pode ser visto por quem está dentro da tenda, ou seja, apenas nós podemos enxergar completamente sem barreiras o que foi colocado por Deus no nosso interior.

**Púrpura** = realeza.

**Carmesim ou vermelho** (também chamado **escarlata**) = entrega, submissão, doação a Deus, renúncia total e incondicional à Sua vontade.

**Azul** = divindade de Deus; cor relacionada ao Espírito Santo e corresponde ao trono de Deus.

Linho fino e branco = pureza, justiça e santidade.

A **segunda cobertura** colocada sobre o Tabernáculo era composta de onze cortinas de **pêlos de cabras**, presas com colchetes de **bronze** (Êx 26: 7-11), também chamada de ‘a tenda sobre o tabernáculo’ (Êx 26: 7).

Vamos falar um pouco sobre o animal, a cabra (‘ez, em hebraico), embora a mesma palavra hebraica no plural (ozim) possa se tratar do gênero masculino (‘peles de bodes’). O bode e a cabra são animais ruminantes, ambos considerados limpos, e usados nos sacrifícios pelos pecados de ignorância (não intencionais) do príncipe (bode – Lv 4: 22-23) ou de uma pessoa comum (cabra – Lv 4: 27-28). A palavra original traduzida por ignorância significa: ‘vaguear’, como uma ovelha que se desgarra do rebanho. Refere-se ao pecado oriundo da fraqueza do caráter humano, não de uma rebelião mal disfarçada ou de um mal premeditado. Associamos a culpa à intenção, mas os antigos a associavam aos seus efeitos.

O filhote é chamado de cabrito. Os 2 sexos têm barba e chifre com o lado interno afiado. São animais domesticáveis e muito apreciados pelos nômades no Oriente Médio, que se beneficiam de sua carne, leite e lã (As raças angorá e caxemira têm lã sedosa e macia), usada na produção de roupas; as raças de pêlo mais áspero são mais usadas para tapetes, cortinas e tendas. As cabras e bodes também podem ter pêlo comprido ou curto, dependendo do seu habitat e do controle dos criadores. O couro é usado na fabricação de luvas, calçados e outros produtos afins. Comparado ao carneiro, o bode tem uma constituição física mais leve (pesa entre 45 e 55 quilos) e seu pêlo é um pouco mais liso. Tanto para cabras como para bodes, a região mais favorável para encontrá-los é a região montanhosa, embora isso seja ainda mais aplicável aos bodes selvagens.

As cabras da Síria são geralmente pretas. São animais capazes de subir terrenos íngremes e rochedos sem escorregar, além do que seus pulmões são desenvolvidos para grandes altitudes. Seu pêlo grosso os protege do frio; a altitude os protege dos predadores e, pela sua resistência natural, são capazes de se adaptar às condições extremas (frio e calor). O bode e a cabra se alimentam de grama e arbustos, muitas vezes de uma grama áspera e rala, onde vacas e carneiros não conseguiriam pastar. As cabras são excelentes exploradoras e conseguem encontrar sua própria comida. O maior problema com estes animais é que eles esgotam o pasto, se o pastor não tiver muita experiência em lidar com eles. Geralmente, vivem em pequenos rebanhos de no máximo vinte animais. Um rebanho de cabras, embora pequeno, tem por condutor um bode e é metaforicamente empregado por ‘guia’ ou ‘líder’ em Jr 50: 8 e Zc 10: 3: “Fugi do meio da Babilônia e saí da terra dos caldeus; e sede como os bodes que vão adiante do rebanho”... “Contra os pastores se acendeu a minha ira, e castigarei os bodes-guias [*em inglês: ‘os líderes’*]; mas o Senhor dos Exércitos tomará a seu cuidado o rebanho, a casa de Judá, e fará desta o seu cavalo de glória na batalha”.

Trazendo tudo isso para o nosso raciocínio sobre a tenda, podemos dizer que esta segunda cobertura não está relacionada mais às qualidades espirituais em nós, e sim às qualidades colocadas por Deus dentro do nosso caráter, da nossa personalidade, da nossa alma, fazendo-nos diferentes uns dos outros, como cabras são diferentes de cabras, bodes de bodes, e bodes são diferentes de carneiros, mas que de um modo **geral cooperam com o espírito**, ou seja, as qualidades presentes na alma, no caráter de cada um de nós, que não são visíveis externamente pelas pessoas (como a cobertura de pêlos de cabras também não era visível do exterior), porém, nos dão resistência às condições adversas da natureza e da existência humana na terra, e proteção àquilo que é mais

precioso, que é a nossa salvação, a nossa fé em Deus e nossa intimidade e comunhão com Ele. Em outras palavras, é aquilo que nos individualiza e cobre o nosso verdadeiro ‘eu’ (nosso espírito) para não perder a santidade e a pureza, ou seja, os pensamentos e valores que temos em nossa alma que nos protegem das influências danosas e confusas de tudo o que vêm de fora para sujar o nosso templo. Não se trata da fraqueza da carne (‘madeira’), como falamos anteriormente, mas de algo que é fortalecido pelo próprio Deus em nós como uma verdade para a nossa vida, e que mantém a nossa meta em foco, nos mantém posicionados e fortes para não sermos ‘levados junto com o vento’. Por isso essa segunda cobertura da tenda era composta de onze cortinas de pêlos de cabras, presas ao chão com colchetes de **bronze** (Êx 26: 7-11).

Uma das qualidades em questão é a capacidade de ser uma **pessoa ‘domesticável’ nas mãos do Senhor**. Outras características tiradas do exemplo das cabras: ter **perseverança** e **determinação** para alcançar nosso propósito de vida; saber **viver em ‘lugares altos’**, longe da carnalidade mundana; saber **‘respirar as coisas do Espírito’** (pulmões desenvolvidos para grandes altitudes), ou seja, reconhecer que só existe vida nas inspirações e nas palavras que fluem do trono de Deus para nós; saber **selecionar o alimento** que é bom para nós e não sermos ávidos pelas coisas materiais como os ímpios, que na sua voracidade ‘esgotam o pasto’, pois não têm um Bom Pastor para guiá-los.

Sendo a cabra um animal para sacrifício, para nós é também um sacrifício **entregar** as nossas deformidades de caráter, nossas opiniões e valores interiores **nas mãos de Deus** para serem moldadas, mesmo sabendo que isso é necessário para o nosso crescimento. Assim como essa cobertura não era vista do interior do Tabernáculo, e dissemos que ela está na alma (metaforicamente falando), todos esses nossos conteúdos estão muitas vezes inconscientes para nós. Por isso, a sua entrega a Deus é um sacrifício, é o ‘crucificar’ da nossa carne. Em outras palavras, **isso diz respeito ao nosso sacrifício**.

**Resumo desta cobertura** – qualidades positivas da carne (alma) e o sacrifício da entrega a Deus dos nossos valores interiores.

Vamos falar sobre os **metais** agora, especificamente o cobre:



Metais brutos – ouro, prata, cobre e ferro

A ordem na qual os principais metais entraram em uso foi: o ouro (Gn 2: 11), a prata, o cobre (também chamado de bronze ou latão que, na verdade, é um amálgama de cobre e zinco – só mais tarde entrou em uso, por volta de 1.000 AC) e o ferro.

O **cobre** era usado para revestir as colunas do pátio, suas bases e o altar para holocausto. A pia (ou lavatório) e os colchetes eram de cobre maciço.

Este metal nos fala do **juízo e do julgamento de Deus sobre o pecado**, e falarei mais pormenorizadamente sobre isso quando escrever sobre o pátio externo. Exceto nesta segunda cobertura, o cobre foi um metal usado no pátio externo do santuário, onde eram feitos os sacrifícios por quem havia pecado e precisava do perdão de Deus.

A bíblia muitas vezes traduz indiferentemente a palavra ‘cobre’ em Hebraico (n<sup>o</sup>hosheth – Ed 8: 27; ARA: bronze) por bronze (n<sup>o</sup>hushah) ou latão (nehushah ou nchushah). Em Dt 8: 9 está escrito: ‘cobre’ (n<sup>o</sup>hosheth – Strong #5178). Em Jó 41: 27, também está escrito ‘cobre’ (ARA), e em hebraico, nchuwshah ou nchushah (latão ou bronze – Strong#5154). Em Ez 1: 4 a bíblia talvez descreva o verdadeiro ‘latão’ (um amálgama amarelado de cobre e zinco) ou ‘bronze’ (um amálgama marrom-amarelado de cobre, com até 1/3 de estanho). A palavra usada pelo profeta é hashmal – ‘metal brilhante’ na nossa tradução; na tradução em Inglês: ‘âmbar brilhante’ (NRSV), ‘cor de âmbar’ (KJV). Âmbar é a resina seca de árvore e endurecida pelo tempo, onde se encontram insetos e vegetais preservados sem alterações.



Bronze e âmbar

A **terceira cobertura** colocada sobre o Tabernáculo era uma cobertura de **peles de carneiros tintas de vermelho** (Êx 25: 5; Êx 26: 14; Êx 35: 7; Êx 35: 23; Êx 36: 19; Êx 39: 34). Quanto às medidas das cobertas de peles de carneiro curtidas, a bíblia não nos fornece estes dados. Há certa dificuldade de interpretar corretamente este versículo, pois várias traduções bíblicas o descrevem de uma maneira diferente. Por exemplo, em Inglês, dependendo da versão (Êx 26: 14), o termo é diferente da expressão Portuguesa (‘peles de carneiros tintas de vermelho’):

NRSV – tanned rams’ skins (peles de carneiros **curtidas**), por isso pareciam tintas de vermelho, porque estavam queimadas pelo sol. É a única versão que usa o verbo ‘curtir’, ao invés de ‘tingir’.

NVI – ram skins dyed red (peles de carneiros **tintas de vermelho**)

KJV – rams’ skins dyed red (peles de carneiros **tintas de vermelho**)

ASV – rams’ skins dyed red (peles de carneiros **tintas de vermelho**)

Pesquisando um pouco sobre os dois processos<sup>1</sup> (curtimento e tintura), podemos ver que o curtimento era usado para secar peles de animais, preparando-as para o uso. O couro era raramente empregado para fazer tendas (Êx 25: 5), mas muito usado para

fabricação de sandálias, cintos, artigos militares como capacetes, aljavas, peças de dos carros de guerra, fundas e escudos (inclusive unguindo-os com óleo).

O curtimento era uma tarefa malcheirosa, por isso era efetuada fora das cidades, onde houvesse abundância de água. Para o judeu, era algo cerimonialmente impuro, por isso Pedro teve que vencer seus escrúpulos e preconceitos quando ficou na casa de Simão, o curtidor, fora de Jope (At 9: 43; At 10: 6; At 10: 32). No ato de curtir as peles, primeiro se removiam os pêlos com uma aplicação de cal e alguns sulfatos, e depois se usava o sumo ácido de algumas árvores como a tília ou a **Periploca secamine** (parece estar extinta) para terminar a remoção dos pêlos e da gordura. O couro seco ao sol por dois ou três dias era tratado com sua imersão no sumo da Acacia nilótica ou numa solução preparada com a casca ou folhas de pinheiro ou carvalho para tornar o couro flexível. Algumas vezes eram tingidas, e para bolsas finas as peles eram tingidas com sal mineral, geralmente o alume\*, importado do Mar Morto ou do Egito. \*Alume = um composto adstringente incolor que é um duplo sulfato hidratado de alumínio e potássio, usado na solução medicinal e em tintura.

A tinturaria era uma arte conhecida pelos israelitas desde a sua estadia no Egito, quando panos usados para o tabernáculo foram tingidos de escarlata (carmesim) por sucos de insetos esmagados, tipo cochonilha, encontrados nos carvalhos (Êx 26: 1; Êx 26: 31; Êx 36: 8; Lv 14: 4). Este inseto, a cochonilha, é também conhecido como qermes, uma proeminência vermelha e redonda que a fêmea do pulgão forma sobre as folhas duma espécie de carvalho, e da qual se extrai um corante escarlata. O corante tírio (relativo à cidade de Tiro, na Fenícia) ou ‘imperial’, de cor púrpura-negra ou violeta-vermelha, preparado dos moluscos Púrpura e Murex, encontrados nas costas do leste do Mediterrâneo, era principalmente um monopólio fenício, e era usado para tingir vestes caras, que denotavam a posição social ou nobreza do seu proprietário (Jz 8: 26; Pv 31: 22; Lc 16: 19; Ap 18: 12; Ap 18: 16). Cada molusco produz uma quantidade tão pequena de pigmento que, de acordo com um estudo, era preciso uns dez mil moluscos para se produzir pigmento suficiente para tingir um manto ou capa num tom escuro que pudesse ser chamado de púrpura real. Essa foi a mesma púrpura empregada na construção do Tabernáculo (Êx 26: 31; Êx 28: 5), do véu do templo, sendo que o ‘azul, púrpura e carmesim’ eram variantes do mesmo corante (2 Cr 3: 14), bem como a capa posta sobre Jesus durante Seu julgamento (Jo 19: 2; Jo 19: 5). Os hebreus empregavam o termo livremente para referir-se a toda cor de tom avermelhado. Os corantes amarelos eram feitos de película de romã da terra, sendo que os fenícios também usavam o açafraão. O azul era obtido do anil (*Indigofera tinctoria*), importado da Síria ou do Egito, e que, por sua vez, o importava da Índia. Raramente era usado o pigmento do molusco Chilazon.

Por isso, podemos dizer com alto grau de certeza que essa cobertura do tabernáculo não era de lã tingida e sim de pele de carneiro curtida, pois precisava ser impermeável, e mais tarde veremos por que; mesmo porque a bíblia fala ‘peles’ (‘couro’, na bíblia em Inglês, ‘leather’) e não ‘pêlos’.

<sup>1</sup> Douglas, J.D., O novo dicionário da bíblia, 2ª ed. 1995, Ed. Vida Nova.

Vamos falar um pouco sobre o animal, o carneiro. Ele é o macho da ovelha. Elas simbolizam a inocência, a docilidade, a fertilidade; a ovelha é um animal responsivo à afeição, usado nos sacrifícios, e são impotentes sem um pastor. O carneiro é um pouco mais agressivo que a ovelha e tem chifres longos e recurvos, que os sacerdotes usavam como trombetas (Js 6: 4) ou como receptáculo de azeite (1 Sm 16: 1). Os carneiros eram usados mais freqüentemente para os sacrifícios, mais do que as ovelhas. Por exemplo: Lv 5: 15 – oferta pela culpa como sacrifício pelo sacrilégio; Lv 5: 18 – oferta pela culpa

como sacrifício pelos pecados de ignorância; Lv 6: 6 – oferta pela culpa como sacrifício pelos pecados voluntários, como trapacear o próximo, roubo, extorsão, falso juramento etc.

Portanto, assim como todo o animal sacrificado no altar, o carneiro era o substituto do homem. O sangue do animal (qualquer deles) sempre foi o substituto do sangue do homem que cometia algum pecado. E podemos ver algo de interessante aqui com o carneiro: ele era o animal mais usado para a expiação pelo pecado de sacrilégio (ou seja, contra as coisas santas) e expiação obrigatória para pecados por ignorância que exigissem restituição, purificando as máculas desses pecados. O carneiro é mencionado também na bíblia em Lv 16: 3; 5 (no dia da expiação – no 10º dia do 7º mês – Lv 16: 29), junto com o novilho e os dois bodes, sacrificados pelo pecado do sacerdote e da congregação respectivamente. O carneiro era oferecido como holocausto. O holocausto, mais do que expiação por um pecado por ignorância, era um ato voluntário de adoração, uma manifestação de devoção, de compromisso e de completa submissão a Deus (Fp 2: 5-8: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homem; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz”). Além disso, o carneiro também está mencionado em Nm 7: 1, no dia que Moisés acabou de levantar o Tabernáculo, e o ungiu, e o consagrou e todos os seus utensílios, bem como o altar e todos os seus pertences. O carneiro foi escolhido como o animal para o holocausto e para o sacrifício pacífico. Em Ez 43: 24-26, o carneiro foi o animal escolhido para o holocausto na consagração do altar.

Vamos repetir que essa cobertura do Tabernáculo não era de lã tingida e sim de pele de carneiro curtida, algo duro, rijo, resistente, pois precisava ser impermeável; impermeável à chuva, aos ventos do deserto, às pedras ou qualquer coisa que fosse atirada por maldade contra o Tabernáculo (sacrilégio). Metaforicamente falando, ela é uma proteção à santidade de Deus em nós, uma proteção aos nossos bens interiores, como uma casa ou qualquer moradia é um refúgio que protege os bens, a mobília e até a vida de quem mora dentro dela. Ela significa a cobertura que nos protege das coisas mundanas e de tudo aquilo que nos acusa e exige de nós uma restituição (lembre-se de Levítico). **A cor vermelha** lembra a cor do sangue, do sangue de Jesus nos justificando do pecado e de todo tipo de acusação e cobrança de homens e demônios. Seguindo o nosso raciocínio: apesar de nos entregarmos a Deus e fazermos o sacrifício de abrir mão da nossa vontade carnal para que a dEle prevaleça e nos submetendo ao Seu julgamento (‘cortinas de pêlos de cabras, presas com colchetes de bronze’), apesar da força interior que Ele colocou dentro de nós como a Sua verdade a ser seguida, podemos dizer que **esta 3ª cobertura** da tenda representa **a proteção do sangue de Jesus**, que supera todo esforço e todo sacrifício, e de uma vez por todas nos justificou de todo pecado e cancelou o escrito de dívida que havia contra nós (diabo nos reivindicava) – Cl 2: 14-15: “... tendo cancelado o escrito de dívida que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz”.

Assim como o carneiro era oferecido como holocausto, ato voluntário de **adoração a Deus**, uma manifestação de **devoção**, de **compromisso** e de **completa submissão** a Deus, Jesus fez tudo isso por nós e pede de nós **a devoção a Ele e ao nosso sacerdócio**, à nossa missão. Esse compromisso com o Senhor nos faz ‘impermeáveis’ às intempéries e às agressões, não só no plano espiritual ou emocional como dissemos nas duas

coberturas anteriores, mas também nos garante a proteção no plano material, contra tudo o que tenta nos ferir com violência e roubar o que conquistamos com tanto esforço; a proteção contra toda acusação e todo dardo lançado por inveja de pessoas contra nós.

O fato desta coberta não ter uma medida significa que **o sacrifício de Jesus e Sua proteção** sobre a nossa vida não têm medida. **Seu amor** por nós é imensurável.

**A quarta e última coberta** colocada sobre o Tabernáculo era uma coberta de **peles finas** (Êx 25: 5; Êx 26: 14; Êx 35: 7; Êx 36: 19; Êx 39: 34). A bíblia fala também: ‘animais marinhos’ (Êx 35: 23). Na NVI está escrito ‘couro’ (e a nota de rodapé diz: ‘provavelmente de animais marinhos’; em Inglês, ‘peles de vacas marinhas’, a saber, dugongos). Dugongo é um mamífero sirênio com a cauda parecida com baleia e o focinho com o de uma vaca (por isso, conhecido como vaca marinha, ou peixe-boi), ocorrendo em águas rasas tropicais da África Oriental para a Austrália, da família ‘Dugongidae’, mais comumente presente no Oceano Índico na Antiguidade, e atualmente mais encontrado na Grande Barreira de Coral ao largo da costa da Austrália e na região da Indonésia. Os dugongos têm pêlos em seus corpos (em algum momento de suas vidas), e dão à luz à prole ao vivo, ou seja, como são animais de sangue quente eles não põem ovos como os peixes. Sirênios passam suas vidas inteiras na água. Provavelmente, o mamífero mais popular dos Sirênios é o peixe-boi. O nome dugongo vem da palavra malaia ‘duyong’ ou ‘duyung’ (Etimologia do séc. XIX), que significa ‘sereia’. Os dugongos podem atingir três metros de comprimento e quinhentos quilogramas de peso e, ao contrário do peixe-boi, possuem dentes afiados e por isso podem caçar animais pequenos como lagostas e outros crustáceos. A palavra ‘Sirenia’ veio da palavra ‘sirene’. ‘Sirenes’ são lendárias beldades marítimas gregas que seduziam marinheiros no mar. Pensa-se que as aparições de sereias nos tempos antigos eram, na verdade, Sirênios (os animais) ao invés das entidades míticas, metade mulheres, metade peixes.



O dugongo

A expressão ‘peles finas’ ou ‘animais marinhos’ na versão de King James traduzida como ‘peles de texugos’, em hebraico é tahash – תחש (plural: tahashim – תחשים) ou tachash (plural: thchshim), e pronunciada como takh'-ash, provavelmente é originada do egípcio thhs, ‘couro’, e do árabe tuhasum, ‘delfim’. Como vimos acima, a ‘pele fina’ foi mencionada como coberta superior no Tabernáculo (Êx 25: 5; Êx 26: 14; Êx 35: 7; Êx 36: 19; Êx 39: 34; Êx 35: 23), e era também um material empregado na fabricação de

sandálias (Ez 16: 10). A Septuaginta diz hyakinthos, provavelmente com o sentido de ‘peles da cor do jacinto’, cor esta difícil de precisar visto que os autores clássicos diferem a respeito da mesma. A maioria das espécies é de cor azul, embora possa ser encontrada nas cores branca, amarela, rosa e azul. Os eruditos modernos concordam que tahash significa ‘delfim’. As peles-tahash eram preciosas nos tempos do AT (Ez 16: 10 – ‘couro da melhor qualidade’), e mencionadas juntamente com pano bordado, linho fino e seda. Foram incluídas entre os presentes dados para a construção do Tabernáculo (Êx 25: 5), junto com as peles curtidas de carneiro para cobrir a tenda do Tabernáculo e a arca (Nm 4: 6).



Jacinto rosa e azul

A Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT), o hebraico transliterado, escreve a tradução de ‘Thchshim (tachash – peles finas’) como ‘ones-azure’ (os de azul), onde ‘azure’ significa: azul-celeste, cor do céu azul ou céu azul na cor, ou então, céu azul. É interessante que, quando olhamos a figura do animal (o dugongo) sua cor é realmente azul.

Esta era a única coberta que podia ser vista de fora da tenda, e também era impermeável.

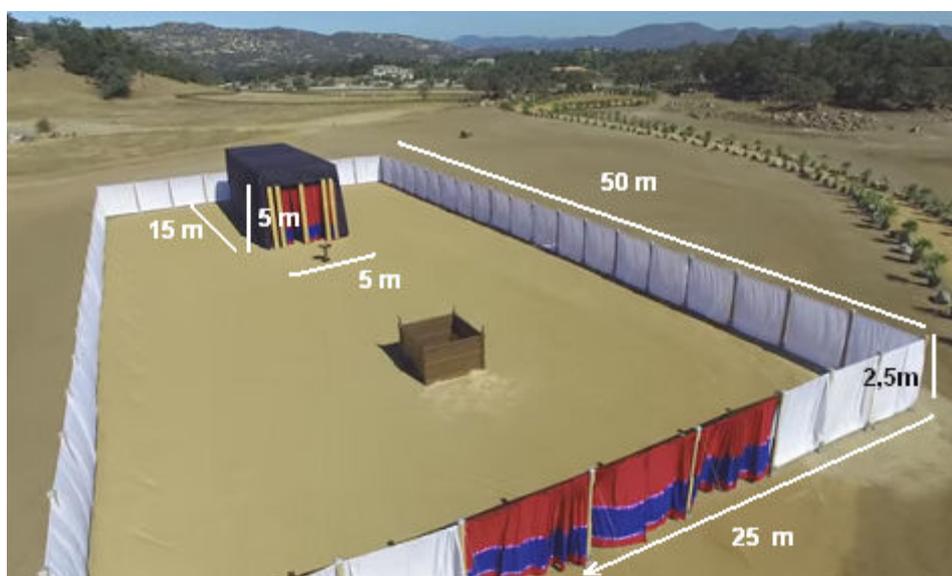
**A cor azul** confirmaria a **proteção de Deus sobre a nossa vida** para que os que estão fora possam vê-la. Nosso templo interior seria, na verdade, um reflexo do céu. **Esta 4ª coberta simboliza a cobertura e a bênção de Deus Pai sobre nós** ao olhar para o nosso templo interior e nos ver cobertos pelo sangue do Seu Filho (**3ª coberta**), a disposição da nossa alma de se render à Sua vontade e multiplicar Sua força e determinação colocadas por Ele mesmo dentro de nós, ainda que sejamos seres impotentes por natureza (**2ª coberta**), e a presença do Seu Espírito em nós nos fazendo desenvolver Seus dons e a nossa santificação, e seguindo o exemplo de Jesus (**1ª coberta**). O mesmo comentário feito para a 3ª coberta é aplicado aqui, quanto à medida da coberta exterior de peles finas. Isso significa que a proteção, a misericórdia, o perdão e o amor de Deus sobre nós não têm medidas.



O Tabernáculo e suas cobertas

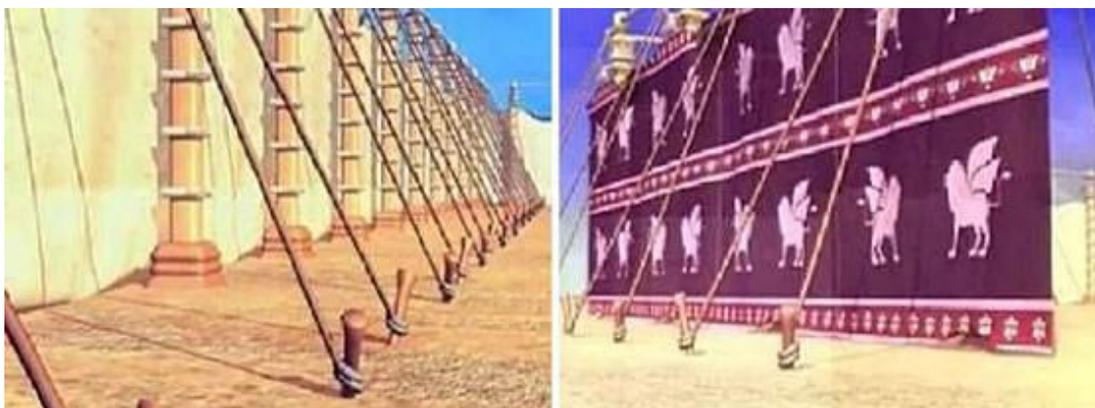
### O átrio do tabernáculo – Êx 27: 9-19; Êx 38: 9-20

Novamente, considerando o côvado como tendo cinqüenta centímetros de comprimento para facilitar o entendimento, nós vamos descrever agora o átrio exterior do Tabernáculo ou pátio ao redor do Tabernáculo.



O pátio ao redor tinha cinqüenta côvados de largura (aproximadamente vinte e cinco metros) e cem côvados de comprimento (cinqüenta metros) – Êx 27: 9-19; Êx 38: 9-20. Ao redor, as cortinas eram de linho fino retorcido (Êx 27: 9) com dois metros e meio de altura e suportadas por quarenta colunas de bronze, com bases de bronze, ganchos e vergas de prata, distribuídas em vinte colunas do lado sul e vinte colunas do lado norte. No lado oeste, as cortinas tinham cinqüenta côvados de comprimento (vinte e cinco metros) e dez colunas com bases de bronze, ganchos e vergas de prata. O lado oriental tinha cinqüenta côvados de comprimento, separados em duas partes, com

cortinas de quinze côvados de comprimento (sete metros e meio) para um lado, com três colunas e três bases. O outro lado era de igual medida. Na entrada do pátio havia uma cortina de estofado azul e púrpura e carmesim, e de linho fino retorcido, com quatro colunas e quatro bases de bronze e ganchos de prata (Êx 27: 18; Êx 38: 18-20), e cujas medidas eram: vinte côvados de comprimento (dez metros) e cinco côvados de altura (dois metros e meio de altura). Em Êx 38: 19-20, podemos também ler em relação a isso: “As suas quatro colunas e as suas quatro bases eram de bronze, os seus ganchos eram de prata, e o revestimento das suas cabeças e as suas vergas, de prata. Todos os pregos do tabernáculo e do átrio ao redor eram de bronze”. A bíblia também diz (Êx 27: 17) que todas as colunas ao redor do átrio eram ligadas por vergas de prata; seus ganchos eram de prata, e as suas bases, de bronze. Todos os utensílios do tabernáculo para o serviço dos sacerdotes (Êx 27: 19) eram de bronze.



**Ouro** = algo extremamente precioso, algo separado para Deus, a glória de Deus.

**Prata** = obediência a Deus levando à santificação; redenção.

**Cobre** = juízo e julgamento de Deus sobre o pecado.

Como dissemos anteriormente, o linho é símbolo da justiça, a justiça de Deus com a qual Ele deseja que Seus filhos também estejam vestidos.

Voltando ao cobre (bronze) sobre o qual nos referimos na segunda cobertura do Tabernáculo, este metal nos fala do **juízo e do julgamento de Deus sobre o pecado**, o

que implica em arrependimento por parte do pecador (O Senhor me falou muito sobre isso no salmo 51 quando Davi clama pelo Seu perdão após ter pecado com Bate-Seba), e justiça por parte de Deus.

Na maioria das vezes (exceto na segunda cobertura do Tabernáculo), o cobre (bronze) foi um metal usado no pátio externo do santuário, onde eram feitos os sacrifícios por quem havia pecado e precisava do perdão de Deus. Até os sacerdotes ofereciam sacrifícios por si mesmos e se purificavam para depois entrar no Lugar Santo e queimar incenso. Para nós, hoje, isso diz respeito em especial àqueles que ainda estão no mundo, em pecado (para fora das cortinas de linho), e não conhecem o Senhor, e precisam se arrepender, receber o Seu perdão através do sangue de Jesus (passar pelo altar do holocausto e pela bacia de bronze), para depois ter acesso ao coração de Deus e deixá-lo fazer dos seus corpos um santuário vivo para Ele (ser um tabernáculo onde o Espírito Santo habita).

Quando Deus enviou Jesus a Terra, o homem já havia pecado demais e esgotado ‘o cálice da ira de Deus’:

Is 51: 17: “Desperta, desperta, levanta-te, ó Jerusalém, que da mão do Senhor bebeste o cálice da sua ira, o cálice de atordoamento, e o esgotaste”.

A ira de Deus é o Seu antagonismo firme, constante, contínuo e descomprometido para com o pecado em todas as suas formas e manifestações:

Rm 1: 18:

“A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” – ARA.

“Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça” – NVI.

“Do céu Deus revela a sua ira contra todos os pecados e todas as maldades das pessoas que, por meio das suas más ações, não deixam que os outros conheçam a verdade a respeito de Deus” – NTLH.

A ira de Deus precisava ser propiciada.

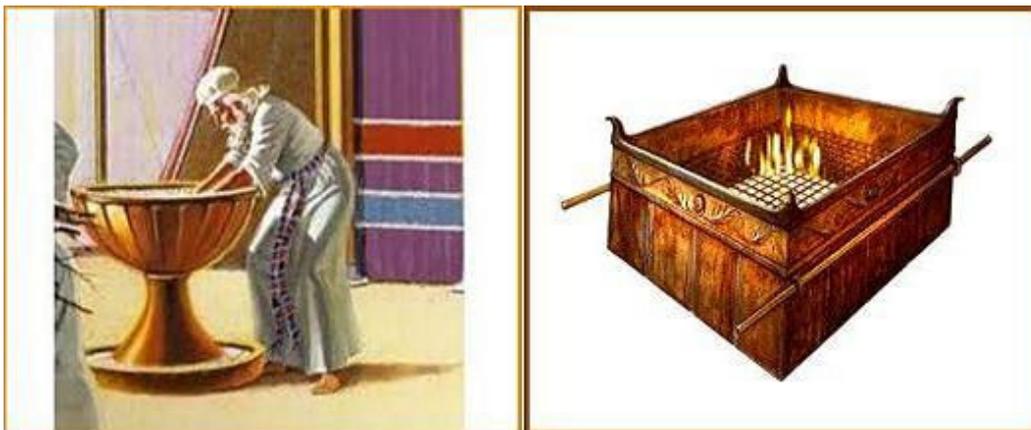
Deus precisava fazer Sua justiça; e a justiça de Deus é o Seu modo justo de justificar os injustos através do sangue, no caso, o sangue do Seu Filho.

A morte de Jesus na cruz pagando o preço dos nossos pecados nos libertou do diabo, cancelou a nossa dívida e nos reconciliou com Deus. Em outras palavras, fez a justiça (nos livrou do diabo e da morte), nos justificou (removeu as acusações de pecado sobre nós, nos inocentou) e nos fez justos aos olhos de Deus Pai (nos tornou filhos de Deus e santos, dignos de participarmos do Seu reino).

## **Utensílios do Átrio Exterior**

### **A bacia de bronze**

Vamos agora para Êx 38: 8; Êx 30: 17-21, textos que falam sobre a bacia de bronze. A bacia de bronze era o lugar onde os sacerdotes lavavam as mãos e pés antes de entrar na tenda da Congregação para queimar o incenso sagrado, ou quando apresentavam ofertas queimadas ao Senhor.



### **O altar do holocausto ou altar de bronze**



Em Êx 27: 1-8; Êx 38: 1-7 a bíblia descreve o altar do holocausto, de madeira de acácia e coberto de bronze, medindo cinco côvados de comprimento, cinco côvados de largura e três de altura (usando o côvado de 0,50 m, ele tinha aproximadamente 2,50 m x 2,50 m x 1,50 m), com chifres (pontas erguidas) em cada canto, que serviam para amarrar os animais do sacrifício. Para o serviço no altar de bronze foram feitos alguns objetos como: recipientes para recolher a sua cinza, pás, bacias para o sangue dos animais, garfos e braseiros, também de bronze. A grelha de bronze era em forma de rede e tinha quatro argolas nos cantos, sendo colocada dentro do altar até a metade da sua altura. O altar de bronze também tinha argolas na parte externa, por onde se passavam os varais de madeira de acácia coberta com bronze para ser carregado.

### **O óleo da santa unção**

Em Êx 30: 22-33 a bíblia fala sobre o óleo da santa unção, que só podia ser usado pelos sacerdotes, tanto para ungi-los para o seu ofício quanto para ungir o Tabernáculo e os objetos sagrados. Nenhum outro homem que não fosse sacerdote podia ser ungido com ele. Ele era composto de quinhentos siclos (1 siclo = 11,5 gramas) de mirra fluida

(aproximadamente seis quilos), duzentos e cinquenta siclos de cinamomo (aproximadamente três quilos), duzentos e cinquenta siclos de cálamo (aproximadamente três quilos), quinhentos siclos de cássia (aproximadamente seis quilos) e um him de óleo de azeite de oliva (1 him = aproximadamente quatro litros).

O azeite de oliva significa unção e provisão de Deus para um propósito.



A **mirra** significa: libertação, cura, purificação, mudança de vida, assim como também era usada pela realeza para ungir as vestes de casamento. Também era usado como perfume sedutor. Foi usada para preparar Ester por seis meses, após os quais vieram mais seis meses com outros unguentos e perfumarias para levá-la ao rei Assuero (Et 2: 12-13). A mirra é um arbusto que cresce nas regiões desérticas, especialmente na África (nativa da Somália e partes orientais da Etiópia) e no Oriente Médio. É também o nome dado à resina oleosa de coloração marrom-avermelhada obtida da seiva seca dessa árvore (*Commiphora myrrha* ou *Balsamodendron myrrha*). A palavra origina-se do hebraico, maror ou murr, que significa ‘amargo’, por isso é amarga e, muitas vezes, usada na bíblia como sinônimo de fel. Tem poder de anestésiar e tirar as dores, por isso foi oferecida a Jesus na cruz. Em Pv 31: 6-7 está escrito: “Dai bebida forte aos que perecem e vinho aos amargurados de espírito; para que bebam, e se esqueçam da sua pobreza, e de suas fadigas não se lembrem mais”. A bebida forte a que se refere era o vinho de alto teor alcoólico (*em hebraico, shekhâr*) misturado com a mirra dado pelas mulheres judias aos condenados à cruz para que pudessem suportar a punição e o sofrimento. No Sl 69: 21 (salmo profético de Davi) há outra referência à mirra: “Por alimento me deram fel e na minha sede me deram a beber vinagre”. Jesus recusou esse alívio para que pudesse sofrer tudo, totalmente, por nós:

- Mt 27: 34: “Deram-lhe a beber vinho com fel, mas ele, provando-o, não o quis beber”.

- Mc 15: 23: “Deram-lhe a beber vinho com mirra; ele, porém, não tomou”.

O **cinamomo** é a casca de um tronco que se restaura a cada estação. É a mesma família do louro, da cássia e da canela. Significa: temor de Deus, resgate, restauração das coisas pessoais, não voltar a cometer os mesmos erros do passado. A canela é semelhante a um arbusto, oriunda do extremo Oriente. Como ela é macerada (a casca e a sementes) até se tornar pó, é uma figura profética da aceitação de Jesus Cristo em Sua morte e cruz. Representa nossa aproximação de Jesus em humildade, despindo-nos da nossa carne, tornando-nos mais como Ele é, assim como também pode significar paz e amor no lar.

O **cálamo** (gr. Kalamos) significa: cana, caniço, junco. É uma raiz conhecida como Cana Doce. Só exala perfume quando a raiz é quebrada. Era de cálamo (junco) a cesta de Moisés, quando foi colocado, ainda bebê, no rio Nilo. Representa o preço que Jesus pagou pela nossa redenção, reverência ao Senhor, voltar às raízes, renovação de alianças, humildade. Significa que devemos ser dependentes do Senhor como crianças que necessitam crescer e ser ensinadas; que, de tempos em tempos, precisamos renovar nossa aliança de fidelidade e compromisso com Ele. A unção do cálamo também significa que precisamos ser ‘partidos’ por Deus, trabalhados por Ele no nosso interior para que Sua essência possa ser exalada através de nós.

**Cássia** significa: potencial, nobreza. A essência de cássia, que também faz parte do óleo da santa unção dos sacerdotes, é preparada com a casca de uma árvore chamada **Cinnamomum cassia**, da mesma família da canela.



Cinnamomum cassia – planta

Cinnamomum cassia é uma das espécies do gênero Cinnamomum, da família das Lauraceae, uma pequena planta, semelhante a um arbusto e que atinge até dez ou quinze metros de altura; tem folhas perenes de coloração avermelhada quando jovens, com formato oblongo a lanceolado (formato semelhante a uma lança), um tanto pontiagudo na extremidade e com mais ou menos dez a quinze centímetros de comprimento. A casca é acinzentada externamente, e de cor castanha no interior. Seu odor é semelhante ao da canela que costumamos usar na culinária. As flores são brancas e pequenas. Os frutos são pequenos, carnudos, com cerca de um centímetro de comprimento, de coloração arroxeada quando maduros. No Brasil, há dois nomes distintos para o gênero Cinnamomum, ou seja, a canela e a cássia. Mas nos EUA e em certos países, os dois nomes (cássia e canela) são usados sem distinção, ou em alguns países da Europa, ela pode receber múltiplos nomes, confundindo-a com a canela. Cinnamomum cássia é conhecida pelos nomes de canela-aromática, canela chinesa, cássia chinesa ou, simplesmente, cássia. A espécie Cinnamomum cassia é originária do sudeste da China e da Indochina, mas na atualidade é amplamente cultivada no sudeste da Ásia (Índia, Indonésia, Laos, Malásia, Taiwan, Tailândia e Vietnã). No hebraico antigo (língua dos mercadores semitas), era chamada de qetsiiah (qesī `āh ou qtsiy`ah – קצייעה). No grego antigo ela se chamava kasia (κασία). Os mercadores semitas introduziram o produto no

Médio Oriente, trazendo-o da China. A cássia para mercadoria é a casca da árvore. Ez 27: 19 fala dessa especiaria como parte do comércio de Tiro, onde está escrito em Hebraico a palavra ‘qiddah’ – Strong #6916, significando, a casca de cássia, como em rolos secos ou enrugados. A especiaria é obtida a partir da remoção da casca da árvore, sendo que a casca interna é raspada, seca e moída. Os botões também são usados como especiaria.

Da casca (que é chamada de **cassia lignea**) era extraída a essência do óleo da santa unção, mencionado em Êx 30: 24 (qiddah – Strong #6916). A cassia lignea também é conhecida por outros nomes como *Cinnamomum cassiae cortex*, *cassiae cortex*. No Sl 45: 8, a palavra ‘cássia’, em hebraico, está escrita como qtsiy`ah – Strong #6916: Cassia (como descascado), em referência à *Cassia lignea*, o córtex da *Cinnamomum cássia*. A palavra ‘cássia’ aparece três vezes no AT (Êx 30: 24; Sl 45: 8; Ez 27: 19), ao contrário da palavra ‘acácia’ (Shittah – Strong #7848), que aparece 28 vezes, na grande maioria delas, relacionada ao Tabernáculo: Êx 25: 5; 10; 13; 23; 28; Êx 26: 15; 26; 32; 37; Êx 27: 1; 6; Êx 30: 1; 5; Êx 35: 7; 24; Êx 36: 20; 31; 36; Êx 37: 1; 4; 10; 15; 25; 28; Êx 38: 1; 6; Dt 10: 3; Is 41: 19.



Casca de cássia – *Cassia lignea*

Assim, juntando o significado dessas quatro essências e do azeite de oliva, nós podemos dizer que o Senhor nos ungiu para um propósito especial, além de colocar em nosso ser outros dons e capacitações como: nobreza, amor, aliança e humildade, o temor a Ele, o Seu resgate, libertação, purificação e cura para que possamos ser bálsamo e suavizar as dores dos aflitos e desesperançados e elevá-los para um novo patamar. Além disso, Ele sempre nos dá uma chance de mudar de vida e não voltar a cometer os mesmos erros do passado. É interessante notar que este tipo de óleo só podia ser usado pelos sacerdotes e não por pessoas comuns da congregação. Isso nos faz pensar que aqueles que o Senhor chamava mais fortemente para realizar Sua obra como líderes espirituais daquele povo precisavam de uma unção muito maior, bem como de uma entrega e de uma separação maior, pois era o seu exemplo que manteria ‘o rebanho’ em aliança com Ele.

### **O incenso sagrado:**

Em Êx 30: 34-38 a bíblia descreve o **incenso sagrado**:

“Disse mais o Senhor a Moisés: Toma substâncias odoríferas, estoraque, ônica e gálbano; estes arômatas com incenso puro, cada um de igual peso; e disto farás incenso, perfume segundo a arte de perfumista, temperado com sal puro e santo. Uma parte dele reduzirás a pó e o porás diante do Testemunho na tenda da congregação, onde me avistarei contigo; será para vós outros santíssimo. Porém o incenso que fareis, segundo a composição deste, não o fareis para vós mesmos; santo será para o Senhor. Quem fizer tal como este para o cheirar será eliminado do seu povo”.

Ele era composto de essências aromáticas: estoraque, ônica, gálbano e incenso puro em partes iguais, e temperado com sal, puro e santo. Ele era queimado no altar do incenso ou altar de ouro que ficava diante da arca da Aliança, do lado de cá do véu, no Lugar Santo. Este incenso era considerado santo para o Senhor e seu único propósito era ser queimado para Ele, não para os sacerdotes nem para o povo poder sentir seu odor (ser usado como perfume).

• Êx 30: 1; 6-9: “Farás também um altar para queimares nele o incenso; de madeira de acácia o farás... Porás o altar defronte do véu que está diante da arca do Testemunho, diante do propiciatório que está sobre o Testemunho, onde me avistarei contigo. Arão queimará sobre ele o incenso aromático; cada manhã, quando preparar as lâmpadas, o queimará. Quando, ao crepúsculo da tarde, acender as lâmpadas, o queimará; será incenso contínuo perante o Senhor, pelas vossas gerações. Não oferecereis sobre ele incenso estranho [*não santo, com outro tipo de especiarias, é o que quer dizer; ou com outro tipo de motivação*], nem holocausto, nem ofertas de manjares; tampouco derramareis libações sobre ele”.

**Estoraque** – no hebraico, nātāph (נֹתָפָה Strong #5198, podendo ser traduzido como breu), e no grego, staktē. A goma aromática tinha um odor bastante apreciado e era extraído através da incisão nos ramos e nas hastes do arbusto *Styrax officinalis* (uma das cento e trinta espécies do gênero *Styrax*), distribuído em toda a Palestina. *Styrax officinalis* é um arbusto de folha decídua atingindo uma altura máxima de sete metros. Tem uma forma simples, com folhas elípticas muito finas de 5-10 centímetros de comprimento e 3,5-5,5 centímetros de largura, alternadas e espaçadas em talos avermelhados e finos, com uma casca escura e dura. Um botão, pequeno e de cor verde muito clara, é, geralmente, uma haste auxiliar em cada folha. A inflorescência (= ramo florífero) é curta e pouco florida.

As flores nascem bem perto do caule, têm a forma de sino e são brancas e perfumadas, com cerca de dois centímetros de comprimento, geralmente com cinco ou sete pétalas e muitas anteras amarelas (antera = a parte de um estame que contém o pólen; estame = órgão masculino da flor, formado pelo filete que sustenta a antera). Período de floração se estende entre a primavera e o verão (maio-junho). Esta planta é a fonte do *Styrax*, uma erva medicinal conhecida desde os tempos antigos. Alguns acreditam que ela tenha sido a fonte de extração do estoraque usado na confecção do incenso sagrado.

Buscando a revelação do Senhor, Ele me falou sobre este simbolismo no Salmo 32: 1; 6 (“Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto... Sendo assim, todo homem piedoso te fará súplicas em tempo de poder encontrar-te. Com efeito, quando transbordarem muitas águas, não o atingirão”). Assim, o estoraque simboliza a piedade, a reverência ao Senhor e a humildade de reconhecer nosso próprio erro para alcançarmos o Seu perdão.



*Styrax officinalis* em Israel



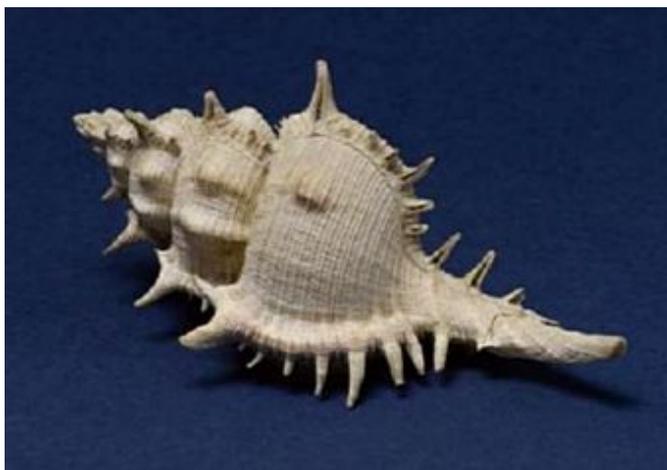
*Styrax officinalis* – flor e frutos



Estoraque – grãos

**Ônica** – em hebraico é sh<sup>h</sup>e<sup>l</sup>eth (שֶׁחַלְת) ou shecheleth ou shachlt (Strong # 7827), que significa ‘rugindo como um leão’, ‘descascando por concussão de som’. Sh<sup>h</sup>e<sup>l</sup>eth pode estar relacionada com a palavra siríaca ‘shehelta’ que pode ser traduzida como ‘uma lágrima, destilação, ou exsudação’. Em aramaico, a raiz shchl significa

‘recuperar’, ‘restaurar’ (um objeto físico). A Septuaginta usou a palavra grega ‘onycha’, que significa ‘unha’ ou ‘garra’. A Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT) traduz como black-murex-shell (a concha de murex negro). Alguns pesquisadores acham que se trata das válvulas em forma de garra que fecham as aberturas das conchas de certos moluscos. Outros estudiosos relacionam a palavra ‘onycha’ com a pedra preciosa ônix, devido à sua cor negra e translúcida, ou ainda com uma goma-resina da espécie *Styrax* (onicha benjoim). Há ainda alguns pesquisadores que tentam relacionar a ônica à planta ‘bdélio’ e dizem que o bdélio é referido no início da história da bíblia. Bdélio, como ônix, é o nome tanto de uma goma odorífera como de uma pedra preciosa: “E o ouro dessa terra é bom; também se encontram lá o bdélio e a pedra de ônix” (Gn 2: 12).



A concha de murex

A resistência por parte dos judeus em relação ao fato de poder se tratar de um molusco é que eles afirmam ser o molusco um animal imundo, como está escrito na Torá. Mas a cor púrpura não era extraída de um molusco? E quanto a outro molusco, o chilazon, que segundo fontes históricas provia a cor azul para se colocar no talit ou nas vestes dos sacerdotes? Resumindo tudo isso: o que realmente foi ‘ônica’ na antiguidade não se pode afirmar com certeza. Baseada na tradução da Septuaginta, no significado de shecheleth, dado em primeiro lugar, e a Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT), eu acho mais provável que fosse um produto extraído da cobertura, das escamas, da concha deste molusco (*Murex* negro), da mesma família do molusco do qual era extraída a tintura para a cor púrpura, quando descrevemos a terceira cobertura do Tabernáculo (peles de carneiros tintas de vermelho). Afinal, o que buscamos neste texto não é discussão teológica do que havia há 3.000 anos, e sim o significado disso para nós hoje, que vivemos debaixo da dispensação do Espírito de Deus.

Buscando a revelação do Senhor, Ele me falou sobre este simbolismo em 1 Sm 14: 36-52 (principalmente nos versículos 41-43), quando Jônatas, filho de Saul, é impedido pelo povo de ser morto pelo próprio rei por ter desobedecido ao seu voto (1 Sm 14: 24; 27; 28) feito ao Senhor para lhe dar vitória sobre os filisteus. Como Jônatas não tinha ouvido a ordem dada pelo pai ao povo de quem comesse alguma coisa naquele dia fosse morto, mesmo estando exausto da luta, ele comeu um favo de mel. Mas quando Saul perguntou a Deus se ele deveria perseguir os filisteus e o Senhor não lhe deu resposta, o rei chamou o povo e o questionou se alguém havia pecado, e se colocou em frente deles com seu filho Jônatas. Então, pediu a Deus que lhe mostrasse a verdade, ou seja, quem

ali havia pecado, e Deus lhe revelou que era seu filho que havia violado o voto (1 Sm 14: 41-43). Assim, **a ônica simboliza a verdade, ou seja, não se esconder dentro de uma concha** quando for necessário se apresentar diante do Senhor ou ser Seu instrumento em qualquer situação.

**Gálbano** – hebraico: helbânâ (Strong #2464, חֶלְבָּנָה). Na verdade, a etimologia é incerta. Segundo alguns pesquisadores, o gálbano é uma especiaria perfumada, como uma goma, originada de duas plantas com muitas raízes, e sempre verdes (mantêm suas folhas verdes durante todo o ano): *Ferula galbaniflua* (Sinônimo de *Ferula gummosa*) e *Ferula rubricaulis*, nativas da Pérsia, mas também encontrada na Índia. Parece haver nove espécies da fêrula encontradas na Palestina. A fêrula é uma árvore perene com fortes raízes. Ao se cortar o caule da planta, um líquido leitoso começa a escorrer. Este líquido seca de maneira rápida e endurece, formando uma resina com cheiro fétido, que se torna bastante penetrante, principalmente quando é incinerada (pois contém enxofre). Ela é de um tom castanho-claro, amarelado ou amarelo-esverdeado, e tem um sabor peculiar, amargo e desagradável. Atualmente é usado de forma medicinal, e na preparação de vernizes. Por outro lado, a Concordância Lexicon Strong dá uma etimologia diferente: galbanam, que diz respeito a uma goma odorífera, de aspecto ou cheiro gorduroso (talvez como o da gordura de animais dos sacrifícios). A Versão Concordante do Antigo Testamento (CVOT) escreve chlbne, e traduz como gordura (חֶלְבֵּנָה).



Ferula galbaniflua e sua resina

É um pouco estranho pensar que Deus fosse escolher uma resina de cheiro fétido para ser queimada junto com as especiarias aromáticas do incenso sagrado. A segunda ou terceira hipóteses (Strong e CVOT) são mais prováveis, pois se igualam mais à orientação dada a Moisés para se queimar separadamente a gordura dos animais (Lv 3: 3-4; Lv 3: 14-16: ofertas pacíficas; Lv 4: 8-9: oferta pelos pecados de ignorância dos sacerdotes, onde apenas a gordura do novilho era queimada no altar do holocausto e o resto do animal era queimado fora do arraial; Lv 7: 4-5: oferta pela culpa; Lv 9: 10: oferta pelo pecado de Arão). O cheiro da gordura do animal se tornava perfumado às narinas de Deus. Assim, baseados na própria ordem de Deus para separar a gordura do animal para ser queimada a Ele de maneira separada em determinados sacrifícios, podemos dizer que **o gálbano nos fala de separação, de dedicação ao Senhor**.

Quanto ao **incenso puro** mencionado acima, trata-se do **olíbano**, também conhecido como **franquincenso**, é uma resina aromática muito usada na perfumaria e

fabricação de incensos. É obtido de árvores africanas e asiáticas (Arábia e Índia) do gênero *Boswellia*. Embora tenha sido reintroduzido na Europa pelos Francos, seu nome ‘franquincenso’ é derivado do francês antigo ‘franc encens’ que significa ‘incenso de alta qualidade’. Por outro lado, ‘olíbano’ é derivado do árabe al-lubán (‘o leite’), em referência à seiva leitosa que escorre após a incisão da casca da árvore de olíbano. Em hebraico, a palavra usada é bownah ou lebona ou u·lbne [לְבוֹנָה = franquincenso ou olíbano, segundo a Versão Concordante do Antigo Testamento – CVOT] ou lbonah (Concordância Lexicon Strong), que, por sua vez, é derivada de laban ou laben, como Labão (em Gn 49: 12), que significa: branco (לָבָן). Assim, ficou conhecido como olíbano pela sua brancura ou pela sua fumaça branca, que procede da combustão da resina. A seiva da árvore seca e dá origem à resina. Embora a resina seja amarela e tenha gosto amargo e picante, é bastante perfumada. Em Êx 30: 7-8, o Senhor ordenava a Arão que queimasse o incenso de manhã e à tarde, assim como no dia da expiação (Lv 16: 12-13).



Resina de gálbano e grãos de olíbano

Buscando a revelação do Senhor, Ele me falou sobre este simbolismo em Ne 9: 7-8, ao descrever a fidelidade de Abrão por acreditar em Suas promessas e que isso lhe foi imputado para justiça (Gn 15: 6). Por isso, o Senhor, que é justo, também cumpriu a promessa dada a ele, lhe entregando nas mãos a terra dos cananeus. O texto diz: “Tu és o Senhor, o Deus que elegeste Abrão, e o tiraste de Ur dos caldeus, e lhe puseste por nome Abraão. Achaste, o seu coração fiel perante ti e com ele fizeste aliança, para dares à sua descendência a terra dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos jebuseus e dos gírgaseus; e cumpriste as tuas promessas, porquanto és justo”. Quando falamos sobre o linho fino e a sua cor branca, não dissemos que **o branco simboliza justiça e santidade?** Pois então, **o olíbano** ou **franquincenso** ou, simplesmente, incenso, conhecido pela sua resina branca ou pela sua fumaça branca, que procede da combustão dela, **simboliza a justiça de Deus entrando em ação e cumprindo Sua promessa** na vida daqueles que Lhe são fiéis e justos como Abraão.

A bíblia também diz que o incenso assim preparado era temperado com sal. O sal [Strong #4417, melah or melach (מֶלַח)] simboliza **aliança** (Lv 2: 13; Nm 18: 19), **fidelidade da promessa, natureza não perecível do pacto, o amor imutável de Deus,**

**sinal de purificação e santidade.** Isso vem a confirmar o que o Senhor disse para Moisés: que o incenso seria puro e santo, e isso seria mais um sinal da Sua parte de que Ele estava disposto a fazer um pacto de fidelidade com o povo de Israel, uma nova aliança com Seu povo. Algumas tribos do deserto esfregavam sal na pele da criança recém-nascida para que esta suportasse melhor o calor. Por isso, também significa **proteção, fortalecimento, resistência às condições adversas.**



Como falamos acima, o incenso estava relacionado ao sacerdócio e provocava a ira de Deus quando era oferecido a outros deuses, ou quando era oferecido de outra maneira que não a que foi ordenada aos sacerdotes. Por isso, dois filhos de Arão foram mortos pelo Senhor:

- Lv 10: 1-7: “Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do Senhor, o que lhes não ordenara. Então, saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor. E falou Moisés a Arão: Isto é o que o Senhor disse: Mostrarei a minha santidade naqueles que se chegarem a mim e serei glorificado diante de todo o povo. Porém Arão se calou. Então, Moisés chamou Misael e a Elzafã, filhos de Uziel, tio de Arão, e disse-lhes: Chegai, tirai vossos irmãos de diante do santuário, para fora do arraial. Chegaram-se, pois, e os levaram nas suas túnicas para fora do arraial, como Moisés tinha dito. Moisés disse a Arão e a seus filhos Eleazar e Itamar: Não desgrenheis os cabelos, nem rasgueis as vossas vestes, para que não morrais, nem venha grande ira sobre toda a congregação; mas vossos irmãos, toda a casa de Israel, lamentem o incêndio que o Senhor suscitou. Não saireis da porta da tenda da congregação, para que não morrais; porque está sobre vós o óleo da unção do Senhor. E fizeram conforme a palavra de Moisés”.

Há outros textos no AT que mencionam o incenso:

- 2 Cr 29: 11: “Filhos meus [o rei Ezequias estava dizendo para os levitas e para os sacerdotes, ao abrir novamente o templo que ficou fechado durante o governo do seu pai Acaz por causa do jugo assírio], não sejais negligentes, pois o Senhor vos escolheu para estardes diante dele para o servirdes, para serdes seus ministros e queimarem incenso”.

- Sl 141: 2 (Salmo de Davi): “Suba à tua presença a minha oração, como incenso, e seja o erguer de minhas mãos como oferenda vespertina”.

- Is 65: 3: “povo que de contínuo me irrita abertamente, sacrificando em jardins e queimando incenso sobre altares de tijolos”.

• Jr 44: 8: “Por que me irritais com as obras de vossas mãos, queimando incenso a outros deuses na terra do Egito, aonde viestes para morar, para que a vós mesmos vos elimineis e para que vos torneis objeto de desprezo e de opróbrio entre todas as nações da terra?”

No NT temos mais referências ao incenso:

• Ap 5: 8: “E, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos”.

• Ap 8: 3-4: “Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos” [*santos: os que são perdoados e santificados pelo sangue de Jesus por terem aceitado o sacrifício da cruz e se separaram para Ele, casados ou solteiros*].



Hoje, o incenso que Ele quer é a oração dos Seus filhos.

Trazendo isso para a nossa vida como Cristãos, o incenso é mais um componente do nosso tabernáculo interior, ou seja, **a nossa oração a Deus** todos os dias exaltando Seu nome, agradecendo por Sua ajuda e fazendo chegar a Ele as nossas súplicas. Lhe é agradável, como o perfume das especiarias usadas no passado.

A bíblia também nos fala da composição exata das essências aromáticas, e que não poderiam ser feitas para nenhum outro propósito que não fosse para ser oferecido ao Senhor pelos sacerdotes, e quem o fizesse simplesmente com a intenção de desfrutar o seu aroma, seria eliminado do meio do povo. Isso significa que nós, como reis e sacerdotes que alcançamos a misericórdia de Deus (1 Pe 2: 9-10) devemos entender que nas nossas orações alguns ‘ingredientes’ são necessários:

• a **piiedade**, a **reverência** ao Senhor e a **humildade** de reconhecer nosso próprio erro para alcançarmos o **perdão de Deus** – estoraque.

• sermos verdadeiros no nosso modo de agir e buscarmos sempre conhecer a Sua **verdade**, não nos escondendo atrás de mentiras ou fantasias. Isso não só diz respeito à nossa oração, mas também ao nosso posicionamento como profetas, liberando uma palavra de verdade procedente da boca de Deus para correção, consolo ou ensino do Seu povo – ônica.

• **dedicação ao Senhor** e a nossa **separação** das coisas da carne e do mundo para podermos andar como verdadeiros filhos de Deus na terra, puros e santos, da mesma forma que a gordura era separada da carne e do couro do animal sacrificado. Ao entrarmos em oração, a palavra de Deus deve sair como espada da nossa boca, separando alma e espírito, juntas e medulas, como diz a bíblia (Hb 4: 12), ou seja, é ela que age no mundo espiritual desfazendo o que está oculto e trazendo à luz a revelação de Deus – gálbano.

• sermos fiéis ao Senhor e crer nas Suas promessas, a fim de que a **Sua justiça** entre em ação materializando-as na nossa vida – olíbano.

• ter a consciência do que Ele fez conosco quando nos chamou para sermos dEle, ou seja: **aliança, fidelidade** da promessa, **pacto imperecível, o amor imutável** de Deus, sinal de **purificação e santidade** – sal.

Quem fizesse esse incenso simplesmente com a intenção de desfrutar o seu aroma, seria eliminado do meio do povo. Em outras palavras, quem não quiser se comportar da maneira santa de Deus, quem não O leva a sério e zomba ou não dá o devido valor a Ele e às Suas coisas não tem direito de desfrutar de Suas bênçãos ou da intimidade com Seu Espírito.

Por fim, podemos entender o que Paulo escreveu na epístola aos Coríntios: que nós somos o bom perfume de Cristo para os que crêem:

• 2 Co 2: 14-17: “Graças, porém, a Deus, que em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para a morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas coisas? Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus”.

### **Os utensílios do Tabernáculo (do santuário)**

Depois de termos descrito a medida do pátio exterior e seus os utensílios com seu significado, voltemos mais uma vez para o santuário propriamente dito, a tenda da congregação, a fim de descrever a mobília e os utensílios presentes no seu interior.

Havia colunas internas (que sustentavam a cortina entre o ‘Santo dos Santos’ e o ‘Lugar Santo’), e as colunas externas, na porta da tenda. Elas eram de número diferente: quatro colunas interiores e cinco colunas na porta. O texto se encontra em Ex 26: 31-32; 36-37. Ele diz: “Farás também um véu de estofado azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino retorcido; com querubins, o farás de obra de artista. Suspendê-lo-ás sobre quatro colunas de madeira de acácia, cobertas de ouro; os seus colchetes serão de ouro, sobre quatro bases de prata... Farás também para a porta da tenda um reposteiro de estofado azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino retorcido, obra de bordador. Para este reposteiro farás cinco colunas de madeira de acácia e as cobrirás de ouro; os seus colchetes serão de ouro, e para elas fundirás cinco bases de bronze”.

Assim, podemos entender que havia uma separação dentro da tenda, isto é, dois recintos. Um deles ficava atrás da cortina interior sustentada pelas quatro colunas de madeira de acácia cobertas de ouro e sobre bases de prata. O outro recinto ficava entre esta cortina e a entrada da tenda, onde também havia uma cortina do mesmo material, mas sustentada por cinco colunas de madeira de acácia cobertas de ouro e sobre bases de bronze. O primeiro recinto se chamava Santo dos Santos e era ali que a arca da Aliança fora colocada. O segundo recinto se chamava Lugar Santo, e ali estavam: **o altar de ouro**, ou altar do incenso, **a mesa com os pães da proposição** (para o norte) e

**o candelabro de ouro** (para o sul). O altar do incenso, embora colocado defronte da arca para fora do véu, no Lugar Santo, era considerada uma peça do Santo dos Santos (Hb 9: 1-10). A primeira cortina simbolizava a separação entre o santo e o profano, entre Deus e os homens. Foi o véu que se rasgou quando Jesus morreu na cruz, simbolizando que Sua morte estava rompendo a separação entre Deus e nós. A partir daquele momento, Ele, como sumo sacerdote, estava fazendo o sacrifício definitivo para nos dar livre acesso ao coração do Pai (Hb 9: 11-12; Hb 10: 19-23; Hb 4: 14-16).



No **Lugar Santo**, os sacerdotes entravam para officiar todos os dias ao Senhor, de manhã e à tarde, Arão e seus filhos.

• Êx 30: 1; 6-9: “Farás também um altar para queimares nele o incenso; de madeira de acácia o farás... Porás o altar defronte do véu que está diante da arca do Testemunho, diante do propiciatório que está sobre o Testemunho, onde me avistarei contigo. Arão queimará sobre ele o incenso aromático; cada manhã, quando preparar as lâmpadas, o queimará. Quando, ao crepúsculo da tarde, acender as lâmpadas, o queimará; será incenso contínuo perante o Senhor, pelas vossas gerações. Não oferecereis sobre ele incenso estranho, nem holocausto, nem ofertas de manjares; tampouco derramareis libações sobre ele”.

No **Santo dos Santos** entrava apenas o sumo sacerdote uma vez por ano (no Dia da Expição): Lv 16: 2; 14-16; 18-19; 30; 33; 34; Hb 9: 7; 12; 25. Jesus, como nosso sumo sacerdote, ao morrer na cruz fez essa expiação definitiva por nós, abrindo-nos o caminho para o trono de Deus.

### **A arca da Aliança**

A Arca da Aliança era uma caixa construída de madeira de acácia de 2 ½ côvados de comprimento, 1 ½ côvado de largura e 1 ½ côvado de altura (mais ou menos 1,20 m x 80 cm x 80 cm). **Ela era símbolo da presença de Deus com os homens, da Sua aliança conosco.**

Dentro da arca, o Senhor ordenou a Moisés que colocasse as tábuas da lei, que simbolizavam o pacto ou aliança que Ele estava fazendo com o Seu povo.

Em Hb 9: 2-5a, quando o escritor fala sobre o antigo Tabernáculo ele comenta sobre a arca: “Com efeito, foi preparado o tabernáculo, cuja parte anterior, onde estavam o candelabro, e a mesa, e a exposição dos pães, se chama o Santo Lugar; por trás do segundo véu, se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos, ao

qual pertencia um altar de ouro para o incenso e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão, que floresceu (Nm 17: 8-10), e as tábuas da aliança; sobre ela, os querubins da glória, que, com sua sombra, cobriam o propiciatório”. E em Êx 16: 33-34 está escrito: “Disse também Moisés a Arão: Toma um vaso, mete nele um gômer cheio de maná e coloca-o diante do Senhor, para guardar-se às vossas gerações. Como o Senhor ordenara a Moisés, assim Arão o colocou diante do Testemunho [NVI, as tábuas da aliança] para o guardar”.

A urna de ouro contendo o maná e a vara de Arão não estavam propriamente dentro da arca, mas ao seu lado (“coloca-o diante do Senhor, para guardar-se às vossas gerações... assim Arão o colocou diante do Testemunho para o guardar”).

- 2 Cr 5: 10b: “Nada havia na arca senão as duas tábuas que Moisés ali pusera junto a Horebe, quando o Senhor fez aliança com os filhos de Israel, ao saírem do Egito”.

- 1 Rs 8: 9: “Nada havia na arca senão as duas tábuas de pedra, que Moisés ali pusera junto a Horebe, quando o Senhor fez aliança com os filhos de Israel, ao saírem da terra do Egito”.

Quando Salomão construiu o templo, a urna com o maná e a vara de Arão já haviam desaparecido.



Isso significa que:

Dentro do nosso ser Ele colocou **Suas leis** (tábuas – cf. 2 Co 3: 2-3: “Vós sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos os homens, estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações”), **Seu alimento** (maná), que é a Sua palavra para nos sustentar, e a **Sua unção e autoridade** como reis e sacerdotes (vara de Arão que floresceu).

### **A mesa para os pães da proposição**

A mesa para os pães da proposição ou pães da Presença está descrita em Êx 25: 23-30; Êx 37: 10-16. Suas medidas eram: 2 côvados de comprimento, 1 côvado de largura e 1 ½ côvado de altura (1 metro de comprimento, 50 centímetros de largura e 75 centímetros de altura). Sobre a mesa eram colocados os pães da Presença em número de doze, um por cada tribo de Israel. Eles eram trocados todos os sábados, e só Arão e seus filhos podiam comê-los (Lv 24: 5-9). A mesa significava **comunhão e intimidade com Deus**, e os pães, **a comida e a provisão divina**.

### O candelabro de ouro

O candelabro de ouro está descrito em Êx 25: 31-40; Êx 37: 17-24; Nm 8: 1-4; Hb 9: 2, e sua base e a haste vertical eram de ouro puro batido. Havia seis hastes, três de cada lado, e pesava um talento, ou seja, trinta e quatro quilos. Arão e seus filhos cuidavam dele para que as lâmpadas se mantivessem acesas continuamente perante o Senhor; por isso havia o azeite de oliva puro, de azeitonas batidas, ao invés de prensadas por uma pedra, como era de costume fazer para se extrair o óleo (Lv 24: 1-4; Êx 27: 20-21). O candelabro **significa a presença do Espírito Santo** conosco, a luz de Deus, um estilo de vida que deve fazer parte do modo de viver de todo cristão.

### O altar do incenso ou altar de ouro



Como dissemos anteriormente, o altar do incenso, embora colocado defronte da arca para fora do véu, no Lugar Santo, era considerada uma peça do Santo dos Santos (Hb 9: 1-10). Ele era de madeira de acácia, coberta com ouro, e suas medidas eram: um côvado de comprimento, um de largura e dois de altura (aproximadamente cinquenta centímetros x cinquenta centímetros x um metro – Êx 30: 1-10; Êx 37: 25-28). Ele

também tinha quatro chifres (pontas erguidas) nas suas bordas e quatro argolas dos lados por onde se passavam dois varais para poder ser carregado.

O altar do incenso é um estilo de vida de oração e o brilho do Senhor (ouro) na nossa vida, como um bom hábito que deve ser cultivado para que a nossa alma e o nosso espírito estejam em sintonia com a palavra de Deus, ou seja, com os pensamentos do Senhor para nós, e assim, possamos refletir Seu brilho e Sua verdade.

### **Significado total do Tabernáculo**

O Tabernáculo assim construído tem uma semelhança com o nosso ser e com a nossa vida. O **Átrio Exterior** representa nossos relacionamentos sociais em que muitas pessoas nos vêm, nos cumprimentam, mas conhecem pouco de nós. O **Lugar Santo** é a nossa alma, da qual participam pessoas mais próximas como a família e os amigos que nos conhecem melhor e sabem do que se passa no nosso coração. No **Santo dos Santos**, que corresponde ao nosso espírito, onde estão os mais íntimos dos nossos desejos e nosso verdadeiro eu, aí só o Espírito de Deus tem acesso.

Quando Jesus veio, Ele cumpriu o papel do verdadeiro sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 5: 5-6), deu o exemplo de como ser o Tabernáculo de Deus na terra, nos ensinou a importância da separação das coisas mundanas para podermos permanecer cobertos pelo Seu sangue e debaixo da Sua bênção e da Sua aprovação sempre. Também nos ensinou a fazermos o nosso sacrifício, ou seja, carregar a nossa cruz, vencer os nossos desafios e poder ser o exemplo para aqueles que ainda não o conhecem possam entrar no Seu reino. Eles precisam entender que é através do arrependimento sincero e se submetendo ao Seu julgamento que eles conhecerão a Sua justiça e o significado do verdadeiro sacerdócio, que Ele já determinou para todos os Seus filhos, lhes dando o direito de se achegar a Ele sempre que precisarem, sem nenhum impedimento. Em Hb 4: 14-16 está escrito: “Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna”.

### **Tempo de construção do Tabernáculo**

Os israelitas levaram um ano para construir o Tabernáculo, de acordo com o projeto que foi dado a Moisés no topo do Sinai. Este foi o tempo que eles permaneceram acampados ao pé da Montanha Sagrada. Em Êx 19: 1-2 a bíblia diz: “No terceiro mês da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no primeiro dia desse mês, vieram ao deserto do Sinai. Tendo partido de Refidim, vieram ao deserto do Sinai, no qual se acamparam; ali, pois, se acampou Israel em frente do monte”.

Eles gastaram uma caminhada de **três meses do Egito até o Sinai**.

- Êx 40: 2; 17; 34-35: “No primeiro dia do primeiro mês, levantarás o tabernáculo da tenda da congregação... No primeiro mês do segundo ano, no primeiro dia do mês, se levantou o tabernáculo... Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo. Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo”.

- Nm 9: 1-5: “Falou o Senhor a Moisés no deserto do Sinai, no ano segundo da sua saída da terra do Egito, no mês primeiro, dizendo: Celebrem os filhos de Israel a Páscoa a seu tempo. No dia catorze deste mês, ao crepúsculo da tarde, a seu tempo a

celebrareis; segundo todos os seus estatutos e segundo todos os seus ritos, a celebrareis. Disse, pois, Moisés aos filhos de Israel que celebrassem a Páscoa. Então, celebraram a Páscoa no dia catorze do mês primeiro, ao crepúsculo da tarde, no deserto do Sinai; segundo tudo o que o Senhor ordenara a Moisés, assim fizeram os filhos de Israel”.

**No primeiro mês do segundo ano, no primeiro dia do mês**, se levantou o Tabernáculo. E no **dia 14** deste mesmo mês, eles **comemoraram a Páscoa**, a segunda em suas vidas, pois a primeira havia sido comemorada no Egito, antes que eles saíssem de lá.

- Nm 1: 1-2: “No segundo ano após a saída dos filhos de Israel do Egito, no primeiro dia do segundo mês, falou o Senhor a Moisés, no deserto do Sinai, na tenda da congregação, dizendo: Levantai o censo de toda a congregação dos filhos de Israel, segundo as suas famílias, segundo a casa de seus pais, contando todos os homens, nominalmente cabeça por cabeça”.

- Nm 2: 1-2: “Disse o Senhor a Moisés e a Arão: Os filhos de Israel se acamparão junto ao seu estandarte, segundo as insígnias da casa de seus pais; ao redor, de frente para tenda da congregação, se acamparão”.

No segundo ano após a saída dos filhos de Israel do Egito, no **primeiro dia do segundo mês**, com o Tabernáculo já construído, foi levantado o **censo** de toda a congregação dos filhos de Israel. Deus mostrou como gostaria que Seus filhos se acampassem ao redor da Tenda.

Em outras palavras:

**No 1º mês foi erguido o tabernáculo e no 2º mês foi feito o censo.** Depois o Senhor lhes mostrou como deveriam se acampar dali para frente. Por isso, a tenda inicial onde Deus falava com Moisés foi armada fora do arraial, para que longe do povo, ele pudesse conversar em santidade com o Senhor. É o mesmo que dizer: para que longe do pecado, ele pudesse entrar em santidade na presença de Deus. Quem quisesse buscar o Senhor, precisava sair do arraial e ir até a tenda, que passou a ser chamada de tenda da congregação:

- Êx 33: 7-11: “Ora, Moisés costumava tomar a tenda e armá-la para si, fora, bem longe do arraial; e lhe chamava a tenda da congregação. Todo aquele que buscava ao Senhor saía à tenda da congregação, que estava fora do arraial. Quando Moisés saía para a tenda, fora, todo o povo se erguia, cada um em pé à porta da sua tenda, e olhavam pelas costas, até entrar ele na tenda. Uma vez dentro Moisés da tenda, descia a coluna de nuvem e punha-se à porta da tenda; e o Senhor falava com Moisés. Todo o povo via a coluna de nuvem que se detinha à porta da tenda; todo o povo se levantava, e cada um, à porta da sua tenda, adorava ao Senhor. Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo; então, voltava Moisés para o arraial, porém o moço Josué, seu servidor, filho de Num, não se apartava da tenda”.

Agora:

- Nm 10: 11-13: “Aconteceu, **no segundo ano, no segundo mês, aos vinte do mês**, que a nuvem se ergueu de sobre o tabernáculo da congregação. Os filhos de Israel **puseram-se em marcha** do deserto do Sinai, jornada após jornada; e a nuvem repousou no deserto de Parã. Assim, pela primeira vez, se puseram em marcha, segundo o mandado do Senhor, por Moisés”.

- Nm 10: 33-36: “Partiram, pois, do monte do Senhor caminho de três dias; a arca da Aliança do Senhor ia adiante deles caminho de três dias, para lhes deparar lugar de descanso. A nuvem do Senhor pairava sobre eles de dia, quando partiam do arraial. Partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam de diante de ti os que te odeiam. E, quando pousava, dizia: Volta, ó Senhor, para os milhares e milhares de Israel”.

• Nm 9: 15-23: “No dia em que foi erigido o tabernáculo, a nuvem o cobriu, a saber, a tenda do testemunho; e, à tarde, estava sobre o tabernáculo uma aparência de fogo até à manhã. Assim era de contínuo: a nuvem o cobria, e, de, noite havia aparência de fogo. Quando a nuvem se erguia de sobre a tenda, os filhos de Israel se punham em marcha; e, no lugar onde a nuvem parava, aí os filhos de Israel se acampavam. Segundo o mandado do Senhor, os filhos de Israel partiam e, segundo o mandado do Senhor, se acampavam; por todo o tempo em que a nuvem pairava sobre o tabernáculo, permaneciam acampados. Quando a nuvem se detinha muitos dias sobre o tabernáculo, então, os filhos de Israel cumpriam a ordem do Senhor e não partiam. Às vezes, a nuvem ficava poucos dias sobre o tabernáculo; então, segundo o mandado do Senhor, permaneciam e, segundo a ordem do Senhor, partiam. Às vezes, a nuvem ficava desde a tarde até à manhã; quando, pela manhã, a nuvem se erguia, punham-se em marcha; quer de dia, quer de noite, erguendo-se a nuvem, partiam. Se a nuvem se detinha sobre o tabernáculo por dois dias, ou um mês, ou por mais tempo, enquanto pairava sobre ele, os filhos de Israel permaneciam acampados e não se punham em marcha; mas, erguendo-se ela, partiam. Segundo o mandado do Senhor, se acampavam e, segundo o mandado do Senhor, se punham em marcha; cumpriam o seu dever para com o Senhor, segundo a ordem do Senhor por intermédio de Moisés”.

• Êx 40: 36-38: “Quando a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, os filhos de Israel caminhavam avante, em todas as suas jornadas; se a nuvem, porém, não se levantava, não caminhavam, até ao dia em que ela se levantava. De dia, a nuvem do Senhor repousava sobre o tabernáculo, e, de noite, havia fogo nela, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas”.

**No segundo ano, no segundo mês, aos vinte do mês**, após terem levantado o censo, a nuvem se ergueu de sobre o Tabernáculo pela primeira vez, e os filhos de Israel iniciaram a sua peregrinação pelo deserto, por quarenta anos; mais precisamente, trinta e oito anos e nove meses, após o castigo determinado por Deus para os rebeldes, pois caminharam três meses do Egito até o Sinai e ficaram um ano acampados ao pé desse monte.

### **Conclusão:**

Podemos resumir tudo o que lemos em poucas palavras: nós somos hoje o tabernáculo de Deus, e com o Seu Espírito de vida dentro do nosso ser, nos ajudando a atravessar os desertos e a conquistar as promessas do Senhor para nós. Através da superação das nossas provas e desafios, e do exercício da palavra de Jesus, nós nos santificamos até a nossa morada definitiva na Nova Jerusalém. Não precisamos mais de lugares especiais nem de sacrifícios para falar com Ele, e sim de um coração arrependido e contrito que se alegra com a simplicidade do evangelho que Jesus nos deixou como herança.

Agora, olhe bem a imagem, medite e repita para você mesmo (a): — EU SOU O TABERNÁCULO DE DEUS NA TERRA.



E-mail: [relacionamentosearaagape@gmail.com](mailto:relacionamentosearaagape@gmail.com)